

A SEXUALIDADE DE MENINAS INSTITUCIONALIZADAS:
UMA REALIDADE EM CONSTRUÇÃO

Silvia Marina Anaruma

Orientador: Prof. Dr. Carlos A. Vidal França

Dissertação Apresentada à
Faculdade de Educação
Universidade Estadual de Campinas
Como Requisito Parcial à Obtenção do
Título de Mestre

1988

Este exemplar corresponde à redação final da dissertação defendida por SILVIA MARINA ANARUMA e aprovada pela Comissão Julgadora em

Campinas; 31 de maio de 1988



COMISSÃO JULGADORA







Ao meu pai

pela sua sabedoria

À minha mãe

pelo seu incentivo

Às meninas institucionalizadas

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Carlos Vidal França, por ter acreditado no meu trabalho e por ter sido meu "marido acadêmico".

A todo pessoal da Instituição onde foi desenvolvida a pesquisa, em especial as meninas que participaram dela e à Maria Cristina Capelatto pela ajuda direta.

Aos professores da Instituição que aguardavam comigo, ansiosos pela conclusão deste trabalho.

Aos professores Maria Inês Fini, Sérgio de Vasconcelos Luna e Sandra Shepard, que me acompanharam em alguns momentos.

A CAPES, que sem o seu auxílio seria impossível este trabalho.

Ao pessoal do Polo Computacional, da UNESP, Campus de Rio Claro, que me auxiliou sempre que necessário.

À Telma, que além de exímia datilógrafa, me acompanhou desde as primeiras linhas.

Ao Marcelo Serzedello que com tanta dedicação elaborou os retoques finais.

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo, verificar que realidade está sendo construída sobre a sexualidade, em um grupo de meninas institucionalizadas, através de três indicadores: menstruação, intercurso sexual e maternidade. Num primeiro momento, tentou-se fazer uma revisão da literatura baseada no que há de concreto sobre a sexualidade da adolescente e sobre os três temas em questão. Em cima deste embasamento, foi realizada uma Pesquisa Qualitativa, através de Entrevista do tipo semi-estruturada com um grupo de sete meninas na faixa-etária de 13 a 14 anos, na própria Instituição onde são internas. A análise dos depoimentos, que foi realizada segundo o método de Análise de Conteúdo, revelou que, em decorrência de uma situação atípica de adolescência - pois os sujeitos tendo uma história de vida diferenciada e vivendo numa Instituição - estão construindo sua sexualidade em meio à desinformações, estereótipos do papel de homem e mulher, assim como nas bases de uma repressão sexual que interfere na relação com seu corpo e na possível opção futura de uma vida sexual que não vise só o afeto, mas também o prazer.

ÍNDICE

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO..... | 08 |
| CAPÍTULO I | |
| 1. Proposição do Problema..... | 12 |
| 1.2. Referências Teóricas..... | 13 |
| CAPÍTULO II | |
| 2. Revisão Bibliográfica..... | 20 |
| 2.1. Instituição :- A Realidade Construída..... | 20 |
| 2.2. Sexualidade da Adolescente :- Realidade em Construção..... | 29 |
| 2.2.1. Estudos sobre a Menstruação..... | 34 |
| 2.2.2. Estudos sobre o Intercurso Sexual..... | 39 |
| 2.2.3. Estudos sobre a Maternidade..... | 48 |
| CAPÍTULO III | |
| 3. Metodologia..... | 57 |
| 3.1. Tipo de Pesquisa..... | 57 |
| 3.2. População e sua caracterização..... | 57 |
| 3.3. Ambiente, Equipamentos e Instrumentos..... | 60 |
| 3.4. Procedimentos para a Coleta de Dados..... | 61 |
| CAPÍTULO IV | |
| 4. Análise dos Depoimentos..... | 72 |
| 4.1. Menstruação..... | 72 |
| 4.1.1. Representações sobre a Menstruação..... | 81 |
| 4.2. Intercurso Sexual..... | 84 |
| 4.2.1. Representações sobre o Intercurso Sexual..... | 96 |

| | |
|--|-----|
| 4.3. Maternidade..... | 100 |
| 4.3.1. Representações sobre a Maternidade..... | 112 |
| CAPÍTULO V | |
| 5. Conclusões..... | 116 |
| Bibliografia..... | 126 |
| Anexos..... | 131 |

LISTA DOS ANEXOS

| ANEXO | Página |
|--|--------|
| I. Características do Excepcional Educável..... | 131 |
| II. Roteiro dos Dados de Identificação/ Dados de Identificação dos Sujeitos..... | 133 |
| III. Roteiro das Entrevista Semi-Estruturada..... | 139 |
| IV. Quadros dos Discursos: Menstruação, Maternidade e Intercurso Sexual..... | 142 |

INTRODUÇÃO

Este estudo pretende investigar algumas questões acerca da sexualidade, num grupo específico de meninas institucionalizadas. O interesse surgiu inicialmente por ter feito parte do Núcleo de Sexualidade do programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Unicamp. Concomitantemente, vinha desenvolvendo um trabalho com uma população de internas em uma entidade filantrópica. Com a intenção de relacionar os estudos teóricos com a prática que vinha sendo desenvolvida, é que decidiu-se pelo presente estudo. Além disso, a opção por este estudo se deve ao fato de considerar a sexualidade como uma área de grande influência no desenvolvimento do ser humano, tanto que já se observa maior preocupação neste sentido dentro dos estudos relacionados com a Educação. Não obstante, a revisão bibliográfica demonstrou que há carência de obras científicas que tratem desta área de estudo, principalmente no que diz respeito à mulher institucionalizada.

A convivência com as meninas institucionalizadas suscitou a oportunidade de pesquisar qual a realidade que estava sendo construída pelas mesmas, e com isto, a necessidade de explorar os seus discursos tornou-se uma alternativa de pesquisa. Assim sendo, pretende-se contribuir para o estudo de um dos aspectos que apresenta a Educação, no âmbito de uma entidade social, e neste processo de desvendar o real, procura-se criar meios para uma transformação da realidade pesquisada.

O estudo se faz necessário, primeiramente, porque

tratará de buscar maior conhecimento sobre a sexualidade, tal como ela ocorre entre meninas institucionalizadas. E, ainda, porque a passagem das meninas pela Instituição é temporária, sendo que o momento de sua saída, coincide com a fase da adolescência, na qual vem à tona grande parte da problemática sexual. A preocupação aumenta pelo fato da desinternação lançar as egressas a todo tipo de exploração, e desta vez, sem o apoio a que podiam recorrer quando internadas.

Assim, além deste trabalho ter uma preocupação presente, poderá contribuir para a prevenção de futuros problemas, face à Educação que possa ser recebida na Instituição.

Quanto ao universo de estudo, optou-se por levantar as representações que as meninas têm de três aspectos: menstruação, intercurso sexual e maternidade. Isto porque a sexualidade humana é assunto muito amplo, forçando assim uma escolha; também porque são três aspectos de vital importância para a mulher e que, apesar de serem fenômenos universais, a maneira como se desenvolve a percepção sobre eles é peculiar, idiossincrática. Não obstante serem tratados separadamente, estão interligados e são vias para se chegar ao que as meninas pensam sobre a sexualidade como um todo.

Portanto, este estudo teve como objetivo o de investigar qual a construção que está sendo elaborada, por meninas institucionalizadas, em relação à própria sexualidade, através dos três indicadores acima citados. A pesquisa terá um caráter exploratório, não se tendo a pretensão de generalização dos resultados.

Justifica-se este estudo, porque espera-se que o mesmo

consiga contribuir para criar meios que lidem com a problemática, quer para os sujeitos que estão deixando a Instituição, quer para as meninas que ficam, bem como para toda a estrutura de pessoal que, de uma forma ou de outra, contribue para a formação daquelas meninas.

A pesquisa de campo se desenvolveu numa Instituição de caráter filantrópico, na cidade de Rio Claro, estado de São Paulo, durante o ano de 1987. Foi uma pesquisa Qualitativa e Descritiva, com uma população de internas que compreende sete sujeitos, na faixa etária de treze a catorze anos, com um nível intelectual na faixa educável. Foi adotado como instrumento metodológico a Entrevista semi-estruturada que foi, numa primeira etapa, individual, e numa segunda etapa, em grupo. Completou a coleta de dados a consulta ao Prontuário do sujeito.

A análise dos dados foi realizada, de acordo com a técnica de Análise de Conteúdo, que é extremamente útil para a análise de depoimentos.

O assunto foi tratado numa abordagem psicossocial, que considera o comportamento como sendo fruto de múltiplas determinações, e resultantes da relação do homem com o mundo. Nesta relação, o homem se transforma, mas por sua vez, também transforma o mundo. Por isso, o que se considera como fundamental para a análise não é o indivíduo enquanto um ser único, mas como um ser que existe em relação ao seu grupo social, às suas relações de produção, sua linguagem, sua cultura, suas representações.

O Capítulo II, foi dividido em três partes. A primeira parte versou sobre a Instituição enquanto realidade construída.

Tratou das principais questões sobre os efeitos da institucionalização e de alguns estudos que vêm sendo desenvolvidos sobre a situação, principalmente os que coletaram dados sobre a mulher. A segunda parte tratou da realidade que está em construção, a sexualidade da adolescente, enfatizando principalmente suas características. Este item servirá de embasamento para a discussão dos três aspectos da sexualidade: a menstruação, o intercuro sexual e a maternidade, apreciados separadamente.

Finalmente, os resultados da pesquisa revelaram que a menstruação representa principalmente o corte com a infância, mostrando toda a angústia que isto pode trazer; ao mesmo tempo faz com que a menina/mulher volte para si e perceba seu corpo. Já o intercuro sexual foi frequentemente associado à gravidez e ao sentimento de amor. Não deixou de aparecer a dor e a penetração, falando-se pouco no prazer do ato. Quanto à maternidade, foi constatado que os sujeitos estão muito ligados à representação da própria mãe, apesar de estarem conscientes de não querer reproduzirem sua própria história. Estes três indicadores contribuíram para observar que, de forma geral, a sexualidade dos sujeitos apresenta muitas ambivalências, tanto com relação a sentimentos, como a informações e expectativas. Em consequência disso, está sendo construída uma sexualidade baseada em credices, papéis estereotipados de homem e mulher, medo e, como não poderia deixar de acontecer, cercada de muito controle, pois tudo isso vem se desenvolvendo dentro de uma Instituição. Desta forma, faz-se necessário que haja uma revisão de toda a Educação Sexual que está sendo reproduzida dentro da Instituição, para que esta consiga cumprir com seu papel de formação educacional e social.

CAPÍTULO I

1. Proposição do Problema

Por intermédio dos indicadores (menstruação, intercuro sexual e maternidade) que delimitarão o universo temático da pesquisa com os sujeitos, procurou-se encaminhar o presente estudo no sentido de responder a proposição que se segue:

Através da representação dos sujeitos sobre menstruação, intercuro sexual e maternidade, que realidade está sendo construída sobre a questão da sexualidade?

Para fins deste trabalho, considera-se representação como a imagem elaborada do real, que mais do que uma simples informação, supõe uma elaboração do pensamento individual. Representar significa para Moscovici (1978) re-presentar, apresentar mais uma vez à consciência, apesar de sua ausência. Representar uma coisa, não consiste simplesmente em desdobrá-la, repetí-la, ou reproduzi-la; é reconstituí-la, retocá-la, modificar-lhe o texto (p. 58). Confere-se ao objeto o estado de um signo, tornando-o significante. Neste sentido, representar conduz a repensar, reexperimentar, refazer à sua maneira, no próprio contexto.

Entende-se por sexualidade, segundo Foucault (1984b), a experiência do indivíduo que o leva a dar sentido e valor a sua conduta, seus deveres, prazeres, sentimentos, sensações e sonhos e que se apoia nos campos do conhecimento ligados à reprodução, enquanto fenômeno biológico e do comportamento que dele deriva,

se apoiam ^{do AINDA} nas Instituições, sejam elas religiosas, judiciárias, pedagógicas ou médicas (p9). Desta forma o termo sexualidade engloba o ser humano, enquanto ser total, não limitando-o apenas à sua genitalidade, mas envolve o prazer em todas as formas de relação, seja pela intimidade física em si, ou pela comunicação com o outro. Também é necessário lembrar que a sexualidade não ocorre no vazio, mas existe dentro de um contexto que a determina e que faz do homem sujeito do desejo.

1.2. Referências Teóricas

Os dados aqui apresentados, serão interpretados de acordo com perspectivas da Psicologia Social, que tem como princípio considerar o homem como um ser eminentemente fruto do social, da sua relação com os homens e da atividade que exerce, assumindo com isso a natureza histórico-social do ser humano. Nesta relação do homem com o mundo, este o transforma e aquele acaba transformando-o. Esta mesma relação é determinada historicamente, a depender do contexto em que está inserido.

A análise do indivíduo concreto, segundo Lane (1984) leva em conta "a imbricação entre relações grupais, linguagem, pensamento e ações" (p16). Além disso, este tipo de abordagem implica também numa postura de pesquisa, onde pesquisador e pesquisado se confundem e se alternam, pois eles fazem parte do mesmo processo histórico e social, trazendo com isso uma forma de conhecimento que interfere na própria existência do pesquisador. Desta forma, considera-se à priori que o papel institucionalizado do pesquisador vai interferir de alguma forma na realidade

que está estudando.

Ainda para Lane, este tipo de abordagem considera como fundamental as categorias: linguagem, pensamento e representações sociais. A linguagem, enquanto produto de uma coletividade, reproduz através dos significados das palavras, uma visão de mundo. "Os significados produzidos historicamente pelo grupo social adquirem no âmbito do indivíduo, um "sentido pessoal", ou seja, a palavra se relaciona com a realidade, com a própria vida e com os motivos de cada indivíduo (p 34)."

Ao falar, o indivíduo constrói suas representações sociais, que para Lane, podem ser entendidas como uma rede de relações que ele estabelece, a partir de sua situação social, entre os significados e situações que lhe interessam para sua sobrevivência. É através de uma análise das representações do indivíduo dentro de um discurso bastante amplo, que se descobre as lacunas, as contradições, enfim sua visão de mundo (p35).

Metodologicamente, a abordagem implica em conhecer o concreto, distinto do empírico, o que significa que "fatos e teorias se tornam indissociáveis" fazendo o processo científico necessariamente acumulativo em direção ao concreto proposto e à ciência, um conhecimento relativizado como produção histórica. Assim a análise permite através do empírico, do aparente, do estático, e recuperando o processo histórico específico, chegar-se ao concreto. O conhecimento que o sujeito vai revelar faz parte da manifestação de uma totalidade. Analisando o discurso através de categorias que deles emergem, é que se consegue detectar o ideológico e o nível de consciência do indivíduo.

Com este procedimento, Lane explica que o "Problema" é

antes de tudo um ponto de partida do que de chegada, podendo ser reformulado a cada nível de análise, uma vez que se estabeleça um confronto com a ação do indivíduo e com as condições que cercam a produção do discurso (p46).

Como decorrência deste procedimento, a amostragem assume outra característica, pois não se procura a generalização, mas sim a especificidade dentro de uma totalidade a depender dos aspectos ou condições consideradas significativas.

Em síntese, é no confronto entre o nível do discurso e o nível da ação que se compreende o indivíduo, seja enquanto reproduzidor da ideologia, seja para análise de seu nível de consciência.

Neste pano de fundo, é que se entrelaçam os fios condutores desta pesquisa: a Instituição e a sexualidade da adolescente.

A relação que se estabelece entre esta abordagem apresentada e os elementos da pesquisa, começa pela análise dos sujeitos. Dois fatores são importantes para a construção da sua realidade concreta e conseqüentemente contribuem para a formação das suas representações: a sua institucionalização e o seu trabalho. É principalmente na relação do sujeito com esses elementos que se formam suas idéias, seus valores, suas percepções.

No que diz respeito a seu trabalho, acredita-se que se o sujeito pode estabelecer com este uma relação alienante, ou seja, não vendo sentido entre o que desenvolve, tornando uma relação de coisa para coisa, a mesma relação não permitirá transformar de modo satisfatório sua realidade. Além disso, o fato de

estar o sujeito numa Instituição Total, pode acabar reduzindo as possibilidades de romper com esta alienação, uma vez que a Instituição atua no sentido de mantê-lo na posição de passividade, afinal persiste a idéia de que a partir do momento que o recolhe, já está fazendo muito por ele, retirando-lhe o direito de opções. Ele estabelece uma relação com a Instituição, onde um assume o papel de dominador e o outro assume o papel de dominado.

Estes dois mundos - o Trabalho e a Instituição - que formarão sua representação sobre a sexualidade, e que possuem características tão distintas, acabam construindo sua Identidade, ainda que comprometida, uma vez que utiliza-se de referências tão difusas.

O Conceito de Representação

Para Moscovici (1978), o conceito de representação envolve entidades quase tangíveis, pois elas estão presentes na fala, em um gesto, um encontro, no próprio universo cotidiano. Apesar disso, é muito difícil apreender o conceito de representação. Sabe-se que "a representação constitui uma das vias de apreensão do mundo concreto, circunscrito em seus alicerces e em suas consequências"(p.44). Desta forma, ela possui não só um componente psicológico, como um componente social e cultural.

As representações atuam por meio das observações, da análise das observações e de noções e linguagens que se adquire através de dados da ciência, por exemplo. É da soma destes produtos que se forma uma representação.

O conceito de representação muitas vezes se confunde

com outros igualmente usados pela psicossociologia. O conceito de opinião é um deles. Pode-se dizer que a opinião, diz respeito à reação que as pessoas têm com relação a um objeto que é dado de fora, envolve atitudes e estereótipos, seria uma espécie de comportamento em miniatura (p.46).

O mesmo se diz sobre imagem. A imagem tem a ver com a reprodução passiva de um dado imediato, como espécies de sensações mentais, que ficam em nosso cérebro, como resultado das impressões de objeto e pessoas. Elas podem ser evocadas pela nossa memória a qualquer hora (p.47).

As opiniões e imagens das pessoas são elaboradas concomitantemente com os valores do indivíduo e da coletividade.

Quando se fala em representação, percebem-se algumas diferenças em relação aos conceitos de opinião e imagem. Um dos pontos fundamentais segundo Moscovici para a representação é de que:

Não existe um corte dado entre o universo exterior e o universo do indivíduo (...). O objeto está inscrito num contexto ativo, dinâmico, pois é parcialmente concebido pela pessoa ou a coletividade como prolongamento do seu comportamento e só existe para eles como função dos meios e dos métodos que permitem conhecê-los (p.48)

Assim, a representação é uma espécie de "preparação para a ação". Ela organiza o dado, a rede de informações e relações que se tem. As representações são conjuntos dinâmicos, que resultam na produção de determinados comportamentos e de relações com o meio ambiente. Por isso, mais que imagens e opiniões, "são ciências coletivas", destinadas à interpretação e elaboração. O que as ciências como a Antropologia, a Psicologia ou a Filosofia

produzem a nível de conhecimento, é recebido e transformado para se converter em conhecimento que a maioria das pessoas utiliza em sua vida cotidiana. É desta maneira que os conhecimentos se objetivam.

São as representações - com o conjunto de valores ou idéias presentes nas visões compartilhadas pelo grupo - que permitem uma certa conduta desejável do próprio grupo.

Através de observações, leituras, conversas, se transforma um conhecimento indireto num conhecimento direto. O sujeito mistura as suas impressões com o que capta do seu mundo exterior e torna real um conhecimento, criando espaço para o objeto dentro do seu universo psíquico. "Cada um procura manter contato com as idéias que pairam no ar e responder as interrogações que nos atormentam (p.55)." É este processo que permite a interação com o mundo e que faz com que uma linguagem se torne familiar a todos. Este movimento é fundamental, na medida em que cria uma relação entre o que se sabe por um lado, e o que se observa por outro lado, na tentativa de dar um sentido à sociedade e ao universo a que pertence.

A representação envolve propriedades mistas, pertence a passagem da esfera sensorimotora à esfera cognitiva. Aqui, o conceito e a percepção são intercambiáveis. Isto significa dizer que "representar alguma coisa e ter consciência de alguma coisa dá no mesmo"(p.57).

Alguns exemplos poderão auxiliar no entendimento deste conceito. Quando a menina institucionalizada assiste a novela e vê o ator deitado em cima da atriz, logo junta essa imagem com a informação que a psicóloga falou sobre como se realiza uma

relação sexual; lembra-se da imagem dos pais mantendo relação ; evoca o livro de Ciências que fala de relações sexuais; pode-se imaginar mantendo o intercuro e ainda lembra das opiniões que as suas companheiras têm a respeito do assunto. Assim sendo, através do conjunto de imagens, lembranças, informações, forma a sua própria representação, que lhe fornecerá o conhecimento necessário para poder entender sobre intercuro sexual e usá-lo de alguma forma no seu dia a dia.

Quando a menina visualiza sua menstruação na calcinha, juntará à sensação de prazer ou estranheza do momento , com as outras experiências que teve com sangue; as imagens da menstruação em outras pessoas; as opiniões e conhecimentos que ouviu a respeito e forma assim sua própria representação.

Está aí, o trabalho da representação: proporcionar o encontro das várias visões, unir as expressões separadas e tornar o conceito familiar. Neste sentido, o que era inalcançável tornou-se alcançável, inteligível e concreto.

Na área da sexualidade, muitas explicações são dadas cientificamente. As representações das pessoas com relação à mesma, vão se formando através destes conhecimentos que vão sendo mediados pela coletividade. Não obstante, muito interessa também um outro aspecto, ou seja , o conhecimento leigo que está sendo construído em forma de representação pelos sujeitos, com relação ao tema sexualidade e que, muitas vezes, está distante de elaborações pessoais oriundas de um conhecimento maior sobre as divulgações da ciência.

CAPÍTULO II

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1. INSTITUIÇÃO - A REALIDADE CONSTRUÍDA

Segundo Souza Campos (1984), muitos são os reflexos sobre o desenvolvimento do sujeito no processo de Institucionalização e do próprio abandono. Eles propiciam um estado de carência de estimulação (seja sensorial, afetiva ou cultural) sobre o desenvolvimento emocional e intelectual (p.23)

As teorias que tratam a questão enfatizam principalmente a importância da interação mãe-criança para o desenvolvimento adequado desta e o efeito que a separação pode acarretar. Por outro lado, investigam os problemas do processo de internação, ressaltando a importância das características da instituição, a época, motivo e duração de internação. Spitz (1974) estuda a relação mãe e filho, segundo a teoria psicanalítica, baseando-se em observações imediatas e experiências com bebês. Uma das conclusões que apresenta é que "o processo e o desenvolvimento psicológico estão essencialmente baseados no estabelecimento das relações objetais e sociais (p.3)". A partir disso, pode-se dizer que as relações sociais são desenvolvidas de acordo com esta relação mãe - filho. Desta forma, quando não ocorre esta relação objetal, todo o desenvolvimento da personalidade fica comprometido, trazendo consequências que refletem ao longo da vida. Com base na pesquisa através da observação de crianças que foram separadas da mãe muito cedo e criadas em orfanatos, o autor demonstrou que elas apresentavam sérios distúrbios psicológicos,

psicossomáticos e até a própria morte.

Guirado (1980), num estudo mais recente, avalia os resultados da separação mãe-criança pela condição de internação e a importância das características da instituição em que a criança foi internada, para o seu desenvolvimento, através de um estudo de caso de quatro crianças internas na FEBEM. A autora chega a conclusão que apesar das condições que implicam uma institucionalização, "essas crianças adquirem uma certa capacidade de resistência e auto-defesa que as fazem sobreviver a evidentes condições de sofrimento"(p.160).

Mais adiante, à página 175, a autora afirma que tais crianças adquirem também, certamente pela natureza de seus contatos anteriores com sua família e com seus conhecidos, uma diversidade nas formas de reagir a estas condições. Quanto à Instituição analisada, a autora destaca os seguintes aspectos: a FEBEM funciona como uma espécie de "mãe substituta", que não considera as diferenças individuais de seus "filhos", não os solicita, não interage física e verbalmente com eles, lhes fornece informações e ambíguas e contraditórias onde ora é indiferente ao choro, à sua tristeza, à sua alegria, à sua atividade e à sua imaturidade; ora punitiva destas mesmas manifestações: é uma mãe "arbitrária" na imposição de uma rotina de hábitos de vida, não respeitando as necessidades reais da criança; todos estes fatores tão importantes na formação de outros vínculos estáveis. Estas impressões parecem prevalecer para a maioria das Instituições que abrigam menores, pelo menos as que apresentam características semelhantes às da FEBEM.

Através destes resultados, fica evidente que o tipo de

socialização realizada numa Instituição, estabelece certas diferenças com relação a socialização realizada por uma família nuclear, por exemplo. Algumas pesquisas parecem confirmar esta proposição. Bowlby (1960) utilizando o enfoque etológico, analisa a necessidade da criança ser cuidada pela mãe ou substituta, e mesmo por poucas pessoas, recebendo carinho delas. Verificam que existem alguns problemas comuns entre as crianças institucionalizadas: eles são principalmente de ordem orgânica, de déficits intelectuais, depressões, falta de controle emocional, ausência de verdadeiros sentimentos e atitudes evasivas (p. 152 - 170). Outros estudos, como o de Daher (1974) atribuem as consequências a fatores do ambiente social somados às condições individuais que acabam se inter-relacionando, o que torna complexo o tratamento ou a prevenção do problema (p.35).

Seligman (1977), estudando o fenômeno do Desamparo, observou que uma das situações que o produzia era a institucionalização, principalmente pelo pouco controle que as crianças têm sobre as consequências de seus atos (p.131). Pode-se observar, por exemplo, que a hora da mamadeira torna-se um gesto automático controlado pelo relógio; pelo fato de ora estarem numa Instituição, ora serem transferidas para outra, não havendo, na maioria dos casos, nenhuma preparação; também outras decisões não são tomadas pela criança. Todas estas situações são imprevisíveis e produzem sérias consequências como: a baixa motivação para responder quando diante de traumas posteriores, dificuldade para aprender e acreditar que sua resposta foi efetiva e distúrbios emocionais como a depressão e ansiedade frente a diversas situações, dificultando suas chances para lidar adequadamente com

elas. A convivência com as crianças de Instituição confirma esta síndrome causada pelo desamparo, embora se observe o peso maior de um ou de outro fator, conforme o caso.

Para Goffman (1974), este tipo de Instituição, que chama de Instituição Total, é por definição:

Um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante são separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam um vida fechada formalmente administrada.(p11)

Estas características trazem como consequência a deteriorização da própria identidade dos internados, uma vez que eles têm que jogar com diferentes papéis para poder sobreviver ao esquema. No caso do menor, Garcia (1979) relata como seus papéis se desenvolvem e os ajudam a sobreviver dentro de seu universo repressivo:

Ele modifica sua linguagem, com códigos próprios ao meio; aprende a ser hábil para com os mais fortes, o que lhe garante a sobrevivência; desenvolve mecanismos próprios de comunicação e solidariedade para com seus pares(p 84).

Percebe-se então, que estes sujeitos através destas atitudes que desenvolvem para poder adaptar-se à situação que envolve uma Instituição Total, acabam tornando-se tristes, inseguros e incapazes de revelar algum tipo de autonomia individual.

Entretanto, este tipo de Instituição, varia conforme as características de "fechamento", que para Goffman (1974) significa a barreira que se estabelece na relação social com o mundo externo por proibições ou impossibilidades de saída. Também depende de como a equipe dirigente concebe os internados e como vê

a Instituição. Isto implica num tipo de socialização, que vai se dar de uma maneira singular, através das relações que se estabelecem entre os vários agrupamentos, os menores, os dirigentes, a comunidade: e através da prática institucional que se desenvolve (p.16)

No caso da mulher institucionalizada o processo pelo qual passa durante sua socialização, ocorre nas mesmas bases descritas, com a diferença que sofre outras restrições. A Instituição reproduz e legitima os mesmos modelos que a sociedade cria. Desta forma, a mulher institucionalizada vai enfrentar a maioria dos problemas que enfrenta a mulher em todos os setores da sociedade, dentre eles, a discriminação profissional, os estereótipos, a repressão sexual.

Guirado (1986) desenvolve uma contribuição ao estudo das representações, em especial as afetivas, no contexto de uma instituição, a FEBEM, com internos e funcionários, usando a técnica de entrevista "em aberto" (p.9). Com relação ao sexo feminino, foram levantadas algumas representações com três internas. Com uma delas, interna da Instituição há oito meses, observou que identifica a sua vida com a família, considerada como rejeitada. A imagem que faz de si, é a de excluída e rejeitada. Reconhece a relação amorosa como se dando apenas às escondidas, e sob agressão. Os sentimentos são ligados a uma imagem de mãe que apesar de querida, não deveria sê-lo, porque a rejeitou; a mãe é associada com quem gera e abandona, quem tem poder de reaver, de mandar embora. Mas, sempre uma fonte a quem se sente ligada. Quanto à sexualidade, a conotação que dá é de proibida, porque vivida em relações violentas, estupradoras, persecutórias e ho-

mossexuais. Mas ao mesmo tempo a relação homossexual é sugerida, ainda que seja relacionada à amizade, no vínculo com a "melhor amiga". É difícil gostar, ou se perceber gostando, quando o risco de se confundir, de se perder, de ser homossexual é grande, apesar de ter o vínculo afetivo estabelecido com outra menina. Com relação à outras duas meninas, caracterizadas como abandonadas, estando desde pequenas em instituição, no que diz respeito à sexualidade, mostraram-se envolvidas em relações que as perseguem e as ameaçam de perder-se "moralmente". O grande fantasma para elas são as próprias meninas da Instituição, que possibilitam a ocasião do contato homossexual e a de iniciar-se sexualmente dentro de um Motel. Com relação a representação da sua própria mãe, ela sempre é percebida como aquela que não tem capacidade para exercer a função materna, então abandona, ou coloca na FEBEM. Quando esta função é preenchida pelos funcionários da instituição, ela tem características singulares, que é reconhecida pelas meninas como uma fonte provedora e protetora, que é praticamente o que ajuda a mantê-las "vivas" (p.135-156).

Nabarrete (1983), através de uma reportagem na UT-4 da FEBEM, que abriga meninas infratoras, em São Paulo, faz algumas considerações sobre a questão. Verifica que a primeira dificuldade que a própria Instituição enfrenta é que elas não aceitam a institucionalização, não querem ficar recolhidas. Trazem também, um histórico familiar onde não faltam alcoolismo e agressividade. Quase todas vêm de ambientes promíscuos e de famílias desestruturadas (p.10). Este quadro, segundo Daher (1974), favorece a apresentação de comportamento anti-social, com manifestações mais expressivas na área sexual, co-relacionado muitas vezes com ou-

tros problemas derivados da marginalidade social, na qual acabam se envolvendo (p.39).

A repórter Nabarrete (1983) relata que, depois destas meninas estarem adaptadas na Instituição, elas são encaminhadas para o mercado de trabalho. Acontece que, se de uma forma geral há uma discriminação da mulher no trabalho, no caso da menor infratora da FEBEM, esta discriminação aumenta. As experiências nesta Instituição têm sido frustrantes e quando se consegue vencer a barreira do mercado de trabalho, empregando-as, as discriminações não deixam de ocorrer. Elas são tratadas como alguém que não merece confiança, por exemplo: são visadas quando vão ao banheiro. Para piorar ainda mais este quadro, existem também problemas que decorrem do baixo nível de escolaridade; e suas dificuldades de aprendizagem, acabam dificultando sua atuação no mercado de trabalho. Esta Instituição considera fundamental o vínculo com a família da menina. Com relação a questões como o homossexualismo, o relato mostrou que é tratado com um pouco de naturalidade, não se reprime mas também não se incentiva, uma vez que o encaram como carência de afeto e falta de opção. De qualquer forma, estas questões são trabalhadas com a menina que apresenta a questão. Quanto às meninas, os depoimentos revelaram que embora vivam numa Instituição em companhia de outras pessoas, sentem-se sós. Demonstram a necessidade de calor humano e sentem muito a ausência da família; além de tudo a marca de infratoras pesa. Nesta época (dezembro de 1983) a FEBEM contava com oitenta mil menores carentes, abandonados e infratores, distribuídos em vinte e oito unidades de todo estado de São Paulo. As meninas representavam 30% desse total (p.11).

Foi apresentado por Emediato (1983), uma experiência bem sucedida sobre a institucionalização de menores femininas. Aconteceu numa instituição filiada à FEBEM, em Ouro Preto, Minas Gerais, que abrigava na época duzentas meninas e trinta funcionárias. Através do desenvolvimento de uma sistemática baseada num processo pedagógico de educação pelo trabalho, conseguiu-se que a comunidade aceitasse as meninas, "antes empilhadas nesta Instituição, prostitutas, ladras, débeis mentais e até homicidas". Relata também, que apesar de todo sucesso conseguido com a reestruturação da escola, ainda há casos das meninas que saem dali e se prostituem; das que se unem a bandos de ladrões e as que simplesmente somem. As que têm acima de quinze anos podem namorar e saem, dançam nos clubes. A proposta tem de novo, trabalhar as verdadeiras causas de miséria que as levaram ao abandono ou à orfandade; desde então, o sentimento de inferioridade que as acompanha tende a diminuir (p.13).

O depoimento de Herzer (1982, passim) retrata não só as dificuldades que enfrenta dentro da própria FEBEM, como também as consequências que possivelmente seu processo de socialização pode ter na sua sexualidade. Herzer, depois de ter perdido seu namorado num acidente de moto, assume a identidade masculina, inclusive sofrendo uma parada no seu desenvolvimento quanto às características femininas. Dentro da FEBEM, tornou-se chefe de família; relata também os relacionamentos entre as meninas, que formavam seus pares; conta das fugas, dos espancamentos que sofriam e da dificuldade para sua reintegração na sociedade. Diante de tantas dificuldades, embora tenha tido apoio de muitas pessoas que acreditaram nela, como Eduardo Suplicy e Rose Marie Muraro,

Herzer acaba suicidando-se.

Este conjunto de referências que discutiram as características principais de uma Instituição e suas consequências sobre o indivíduo, servirá como embasamento para se entender a realidade com que trabalhar-se-á e, mais do que isso, compreender onde vivem os sujeitos concretos desta pesquisa.

A literatura aqui apresentada revelou que a menina institucionalizada, pertence a um contexto sobre o qual ela tem pouco controle. Isto traz sérias consequências à sua Identidade. O processo de Institucionalização a coloca como vítima, ajuda a alimentar ainda mais sua revolta e dá poucas condições de superar a sua situação de menor carente.

Apesar dos trabalhos mostrarem um quadro meio pessimista da situação referente à institucionalização, pode-se observar outros que demonstraram ser possível desenvolver um trabalho dentro de uma estrutura peculiar como é uma Instituição, onde se tenha a preocupação com a consciência que estas meninas têm de sua própria condição de marginalizadas. Através de propostas assim, é possível quebrar o caminho que, salvo algumas exceções, acabam seguindo.

A seguir, serão desenvolvidos os aspectos que caracterizam o período da adolescência, com o objetivo de familiarizar o leitor com a faixa-etária que se propõe estudar nesta pesquisa. Estes estudos sobre Instituição e Adolescência, servirão de fios condutores por onde passará a essência da pesquisa: a sexualidade, e que será concomitantemente estudada.

2.2. A SEXUALIDADE DA ADOLESCENTE - A REALIDADE EM CONSTRUÇÃO

Para Vitiello (1984), conforme a conceituação recomendada pelo plenário de Seminário Latino Americano sobre Saúde do Adolescente, realizado no Rio de Janeiro, em outubro de 1977:

o adolescente é o indivíduo que se encontra em fase peculiar de transição biopsicossocial, período este caracterizado por transformações biológicas, em busca de uma definição de seu papel social determinado pelos padrões culturais do seu meio (p.825)

Conforme Leite (1980), as transformações pelo qual passa o adolescente, dizem respeito principalmente "as mudanças rápidas que se efetuam no corpo, e que exigem toda uma reestruturação do seu mundo externo e interno e uma reformulação de seus relacionamentos " (p.8).

Através deste conceito percebe-se o quanto é difícil a fixação dos limites da adolescência, uma vez que qualquer parâmetro que se queira estabelecer sofre variações. Estas dificuldades existem porque esbarram em fatores sócio-culturais, familiares e pessoais. Ela depende, portanto, da sociedade e do tipo de vida que a pessoa leva. Em alguns casos, pode ser uma fase tranquila: a pessoa tem consciência do que está acontecendo, das mudanças pelas quais está passando, e tudo transcorre como em qualquer outro período. Em outros casos a adolescência provoca crises, dificuldades, preocupações, principalmente se a pessoa não entende o que está se passando com ela.

Em certas sociedades, a pessoa passa diretamente da infância para a idade adulta: é o caso de sociedades indígenas em que o indivíduo, ao atingir a puberdade, passa por certas provas

- os ritos de iniciação ou ritos da puberdade - a partir dos quais é considerado adulto.

Em sociedades como a nossa, em que a maior parte das pessoas começa a trabalhar e assumir responsabilidades mais cedo, praticamente o indivíduo passa da infância à idade adulta e, muitas vezes não tem sequer infância.

Segundo Piletti (1986), de maneira geral, a adolescência tende a ser mais longa em famílias mais ricas e sociedades mais industrializadas, em que o período de preparação para a vida adulta, incluindo a universidade, tende a durar até os vinte anos ou mais. (p.264)

Osório (1981) relata que nas últimas décadas, a adolescência vem sendo considerada o momento crucial do desenvolvimento do indivíduo, aquele que marca não só a aquisição da imagem corporal definitiva como também a estruturação final da personalidade. É uma idade não só com características biológicas próprias, mas com uma psicologia e até uma sociologia peculiares. (p.50)

Partindo-se, então, do pressuposto de que a adolescência se caracteriza por um período de transição, onde as tentativas de limitação cronológica e biológica não esgotam uma definição segura, serão consideradas as características psico-emocionais como as mais significativas neste período de desenvolvimento, que teria seu início e seu término marcados pela eclosão e pela resolução dessas características.

Falar em sexualidade da adolescente, é tratar de apenas uma das muitas facetas que possui esta fase, por isso, não se pode perder de vista o contexto no qual ela está inserida, já que

esta sexualidade é parte de um todo. E quando se discute a sexualidade neste estudo interessa, mais do que saber o que estas adolescentes estão fazendo, qual o significado do que estão fazendo. É como expressa o pensamento de Barroso (1980): "Não interessa se eles estão ou não tendo relações sexuais, interessa o que isso significa no contexto da vida deles". (p.14)

A sexualidade na adolescência tem um significado especial. Segundo Vitiello (1984), ela torna-se fator de preocupação, "script" dos sonhos; o adolescente tem ainda uma forte curiosidade de experimentação, o que o leva a arriscar, provar o novo; ocorrem comumente a homossexualidade e a masturbação, considerados processos normais durante esta fase (p.828) e que segundo Knobel (1984) são "aspectos transitórios e preparatórios para uma sexualidade adulta" (p.57).

Outro fator que deve-se levar em conta nesta área, durante este período, é o da diferença dos padrões estabelecidos para o desempenho de cada sexo. Ao adolescente é estimulado a iniciação sexual, o homossexualismo é repellido. Para a adolescente não se aceita o exercício da sexualidade, nem a nível auto-erógeno e muito menos a nível hetero-erógeno, uma vez que entra em jogo a virgindade da menina. Na realidade, o que se valoriza no jovem, condena-se na adolescente. Estas diferenças acabam causando alguns conflitos, dificultando à jovem que procura referenciais seguros para exercer sua atividade sexual. Os dois sexos estão vivendo momentos semelhantes, mas enquanto a educação do homem vai numa direção a da menina está indo em outra, embora ambos se busquem neste amadurecimento sexual. Exemplo disto é a própria iniciação sexual: no homem quanto mais faz conquistas,

mais relacionamentos sexuais mantiver, maior será sua valorização; o contrário do que acontece com a mulher, que recebe um controle severo da sociedade no sentido de manter o menor número possível de experiências sexuais.

Bardwich (1971) trata da questão da ambivalência real que existe, a respeito das funções reprodutoras, tão características da pré-adolescência e adolescência na nossa cultura. Esta ambivalência ocorre porque as meninas recebem uma dupla mensagem:

Por um lado, o sexo é motivo de prazer, a menstruação supõe o acesso à condição de mulher e a maternidade implica numa grande plenitude; por outro lado o sexo é sujo, a menstruação repugnante e a mulher pode morrer durante o parto, que por sinal ocorre num ambiente de hospital (p.84).

As mães sempre advertem as filhas dos riscos de uma gestação indesejada ou de uma doença venérea, mas dificilmente dizem que o sexo é bom, gostoso e que praticado sob certas condições, traz uma grande dose de satisfação emocional.

Segundo a mesma autora, a ambivalência aparece também quando a nossa cultura valoriza os aspectos corporais da sexualidade da adolescente; fala dos seios e dos quadris como se eles servissem apenas para seduzir. Em consequência disso, observa-se que as adolescentes têm facilidade para expressarem-se verbalmente sobre sua aparência externa, mas têm muito pouca oportunidade de falar a respeito de suas funções reprodutoras internas. Isso também é decorrência de serem seus órgãos reprodutores de natureza interna, trazendo como consequência a pouca importância aos genitais e a sexualidade genital. A sexualidade da adolescente associa-se mais com a gratificação que lhes proporcionam os

"flertes" ou pela atenção recebida pelos jovens. Já com relação aos seus órgãos genitais, os considera como algo precioso e por outro lado sujo, reforçando novamente a ambivalência da qual já se falou. Representam também um elemento perigoso, porque ao facilitar sua sexualidade genital, pode se estimar menos, por se sentir usada, ou pelo medo da gravidez.

É difícil que a adolescente perceba seu sexo vaginal como fonte de prazer, e confunda o sexo com sangue, a mutilação, a dor, a penetração e a gravidez. A combinação de uma excitação vaginal mínima e os temores importantes, provoca uma sexualidade genital mínima (p.87).

Por fim, a autora coloca a resolução desta ambivalência ao que se refere aos aspectos corporais de sexualidade, é uma tarefa que aparentemente se estende além da fase da adolescência. Ela termina quando a mulher consegue se entregar à sua atividade sexual, sem o sentimento de ser utilizada.

A atividade sexual da mulher reflete o prazer que produz a sua feminilidade, suas atitudes em relação com a fisiologia da reprodução e seu nível geral de confiança ou de auto estima (p.91).

Desta forma, conclui-se que os aspectos ligados à reprodução, refletem significativamente no desenvolvimento da sexualidade feminina e por isso terá um lugar de destaque neste estudo. Além disso, acredita-se que, é na forma com que a adolescente apreende os três aspectos: menstruação, intercurso sexual e maternidade, que se desenvolverá grande parte de sua representação sobre a sexualidade. Ela será tanto mais real e satisfatória quanto menos ambiguidade tiver e quanto mais puder elaborar naturalmente estas questões. Se isso for possível a

mulher que surgirá desta adolescente criará uma certa consciência de prazer e da responsabilidade que está em jogo na sua realização sexual.

2.2.1. Estudos Sobre a Menstruação

Segundo Bardwich (1971), são poucas as adolescentes que consideram a menstruação como sinal de afirmação de sua feminilidade. As entrevistas que realizou, revelaram que as mulheres reagiam contra a primeira menstruação, lembrando as circunstâncias em que ocorreu. Apesar de apresentar um sinal de amadurecimento e saúde, é muito difícil que a jovem aceite como tal porque o sangue implica em dano e dor. Não é raro, encontrar meninas que não são preparadas para a menstruação associarem-na a uma violação no interior de seu corpo (p.85); é o que revela uma pesquisa citada pela autora, de Shainess (1961), onde mostrou que cerca de 75% das mulheres de seu grupo de estudo que haviam tido conhecimento prévio, aguardavam a menstruação com sentimento de ansiedade, temor e constrangimento; as que não haviam recebido preparação alguma de antemão experimentavam fantasias relacionadas com a idéia de serem cortadas ou danificadas (p.85).

De fato o sangue tem um significado singular na vida social e não é à-toa que surgiram estas associações meio pavorosas com relação a menstruação. Rodrigues (1986) abordou a questão do sangue menstrual numa visão antropológica, citando que ele foi associado à maldição, determinando sentimentos de culpa e vergonha.

Associa-se frequentemente à crença de que a comida poderia se estragar ou apodrecer se uma mulher menstruada a tocasse, a proibição de praticar o ato sexual, a exercícios físicos, a banho de mar, a lavar a cabeça, a pisar em escamas de peixe, a andar descalço, a comer alimentos ácidos, a tomar banho frio, a comer peixe, a tocar em flores, a tomar gelado, a comer ovo, a comer galinha choca(p.82).

Em muitas sociedades, a mulher menstruada é segregada em lugares especiais, e obrigada a se alimentar apenas de alimentos crus. O autor relata também que, o significado da primeira menstruação, varia de sociedade para sociedade; onde em uma é motivo de importantes cerimônias, em outra é um acontecimento que deve ser escondido.

Este mesmo autor mostra que estes significados negativos sobre a menstruação não são universais.

Para os Walbiri, o sangue menstrual não precisa ser evitado e não se acredita que o contato com ele possa trazer algum perigo; algumas sociedades empregam o sangue menstrual como remédio para determinadas enfermidades. Os Idatsa acreditam que as mulheres menstruadas exercem benéficas influências na caça às águias e influências negativas em relação a qualquer outro tipo de caça (p.84).

De qualquer modo, a Antropologia ajuda a perceber a forma como cada cultura trata o problema da dupla natureza feminina; por isso enquanto uma cultura exalta a menstruação, outras a condenam e ainda outras a castigam, como uma forma de controle. A menstruação marca a luta eterna entre a natureza e a cultura e conforme expõe Rodrigues (1982):

Fundamentalmente, a mulher, mais que o homem, tem a potencialidade de funcionar como perturbador dos sistemas sociais de classificação, uma vez que é um ser da Cultura, ostensivamente submetido a processos naturais que escapam aos esforços que o aparelho cultural despen-

de para controlá-los. Nesses períodos, a própria mulher coloca-se fora da Cultura e se aproxima da Natureza (o que se vê nas inúmeras práticas de fazer com que a mulher se retire da aldeia, coma alimentos crus...) (p.86).

Com relação ao aspecto biológico as pesquisas revelam, segundo Vitiello (1984), que a idade média em que ocorre a menstruação tem baixado cerca de dez meses a cada geração, sendo que em 1845 a metade das mulheres menstruava apenas a partir dos quinze anos, tornando mais precoce o amadurecimento sexual. No Brasil, comparou-se a idade da menarca de jovens de várias classes sócio-econômicas com aquelas de suas genitoras, observando-se nítida antecipação nas classes mais elevadas. Entre os agentes causadores que explicam esta antecipação, "estão sem dúvida as melhores condições nutricionais e os estímulos emocionais"(p.828). Esta antecipação significa também a iniciação sexual precoce pelo menos em relação às outras gerações.

Para Mc Cary (1978) este período é visto pelas pessoas como anormal, e por isso frequentemente "surgem com facilidade os problemas menstruais, cuja origem é psicológica"(p.171). Aranha (1984) relata que a medicina fala na Síndrome da Tensão Pré-Menstrual, que é uma desordem clínica altamente ambígua. Apresenta certas constantes e sintomas bem definidos que são características numa alta porcentagem de mulheres (95%), e que podem ocasionar diversas influências nas portadoras. Atribui a causa dos sintomas a períodos onde aparecem problemas, frustrações, experiências insatisfatórias e stress físico e psíquico.

T.P.M. (Síndrome da Tensão Pré-Menstrual) pode ser definida com a combinação de condições emocionais e físicas que ocorrem ciclicamente na mulher antes da menstrua-

ção, e que diminuem ou desaparecem espontaneamente com a chegada desta (p.711).

Alguns exemplos destes sintomas seriam: instabilidade nervosa, inchaço abdominal, aumento de corrimento, acnes, tremores, insônia, dores nas mamas, depressão e outros.

Isto mostra que apesar de alguns fatores desta síndrome serem de ordem orgânica, pois envolve algumas mudanças hormonais, existe o fator emocional que tem grande peso também. Como já se demonstrou, a mulher carrega um arquétipo ligado à menstruação e que torna este fenômeno cheio de mistérios. Toda a ansiedade na expectativa da menstruação: pode vir, pode não vir, é uma sujeira, a limpará, incapacita-a ou não, só pode resultar na sintomatização desta ansiedade, criando temporariamente a tensão.

Leite (1982) no seu estudo teórico, confirma a relação existente entre a menstruação e os fatores emocionais.

A relação existente entre os distúrbios das funções reprodutoras femininas e problemas emocionais tem sido evidenciada constantemente na prática clínica e reconhecida desde longa data pela sabedoria popular (p.4)

É fato que as mulheres deixam de menstruar ou têm ciclos menstruais desorganizados em situação de grande tensão emocional. Há casos também de mulheres que simulam uma gravidez psicológica, com todos os sintomas físicos, é a chamada pseudociese. "Parece que, comandado por uma necessidade psicológica intensa, o sistema endócrino se põe em marcha simulando uma gravidez" (p.4).

Os estudos científicos, comprovam estas evidências cotidianas, através de várias pesquisas citadas pela autora.

Check (1978) afirma que perturbações emocionais podem influir no funcionamento hipotalâmico, levando a ciclos menstruais irregulares, a sangramento uterino disfuncional ou a amenorréia.

Num estudo sobre feminilidade e sintomatologia menstrual, Kehoe (1977) verificou que:

Mulheres que apresentam vulnerabilidade emocional e atitudes conservadoras a respeito da própria sexualidade, tinham mais sintomas pré-menstruais. Mulheres com atributos mais masculinos, tiveram menos sintomas tanto menstruais quanto pré-menstruais (p.18).

Este autor também estudou a forma com que experimentaram a menarca e verificou que:

Mulheres cuja experiência foi dolorosa e difícil, geralmente pertenciam a geração mais velha do grupo, tinham nível de educação inferior, apresentavam mais traços de instabilidade emocional e mais complicações após operações ginecológicas de que as que tiveram dificuldade com a primeira menstruação (p.19).

Deutch (1952) se preocupou com investigações a cerca dos problemas da psicologia feminina, nas suas reflexões sobre menstruação; relata sobre um dos elementos que considera essencial neste período de expectativa da menina, são os segredos que sua mãe mantém, e que acabam formando sua representação do fenômeno. As observações da menina, alimentam fantasias de temor da menstruação:

Un obscuro conocimiento de la indisposición mensual de la madre se manifiesta precozmente en la vida fantástica de la muchacha, y no siempre es posible saber cuando y en que grado esta se familiariza con la verdadera naturaleza del proceso. Los molestias menstruales, de la madre, las ropas teñidas de sangre y las observaciones casuales pueden causar una impresión muy fuerte sobre la mente de la muchacha. Cuanto más joven más es incapaz de asimilar estas impresiones, más dolorosas, cruentas y

amenazadoras son estas manifestaciones de femineidad en relacion a sua vida fantástica (p. 144-5).

Knobel e Scaziga (1965) numa pesquisa realizada em Buenos Aires com pré-adolescentes, sobre suas atitudes a respeito da menstruação, verificaram que:

havia uma evidente falta de informação sobre o fenômeno, que era relacionado a enfermidade e mal estar de um lado e de outro, a uma atitude de desgosto, sofrimento e vergonha (p. 75)

Também verificou-se que a fonte mais direta parecia ser atribuída às famílias e mais especialmente às mães, nas quais podia-se notar uma atitude de pudor e embaraço diante da possibilidade de encarar e discutir o assunto diretamente com suas filhas.

2.2.2. Estudos sobre o Intercurso Sexual

Uma reflexão sobre o intercuro sexual pode ser feita em dois níveis: enquanto ato biológico, levando-se em conta sua função como meio de reprodução da espécie, portanto, simplesmente sobre um ponto de vista fisiológico; enquanto representação, ou seja, sobre o significado que ele pode ter no cotidiano das pessoas a nível do seu comportamento sexual. Neste caso, a representação do intercuro sexual envolve o significado das vivências que o sujeito adquiriu ao longo de sua socialização, principalmente na relação do seu corpo com o meio; as próprias vivências sexuais - a forma como foram elaboradas, reprimidas ou liberadas - informações e conhecimentos e as relações afetivas com pessoas

do mesmo sexo e do sexo oposto.

Recuperando um pouco do significado do intercurso sexual, ao longo da história, verifica-se que por muito tempo ele foi associado principalmente ao obsceno e ao proibido. Reproduzir essa representação só foi possível através dos diversos dispositivos responsáveis também por ditar as normas morais da sociedade. Segundo Foucault (1984 a) entende-se por dispositivo:

Conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentadas, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são elementos do dispositivo (p.244).

A religião assumiu e assume um dos principais dispositivos na regulamentação das práticas sexuais. Para Chauí (1984) ela sempre se preocupou com tudo que pudesse despertar o prazer, uma vez que este poderia significar uma ameaça a aceitação das doutrinas subjacentes na religião (p.106). Neste caso, corpo só tem um significado: ser o templo de espírito e para tanto deve ser cada vez mais purificado. Desde o início dos tempos, a religião marcou o ser humano com o pecado original - símbolo do desejo, que demarca a linha entre o sagrado e o profano - e carrega-se este peso que é passado de geração para geração, como um espécie de alerta para o estigma da sexualidade.

Como consequência, tem-se as interdições, que perduram até hoje em forma de repressão sexual, que para Chauí, se realizou através do controle minucioso do intercurso sexual e particularmente do corpo feminino. O intercurso só teve uma saída, que foi sua legitimação através do matrimônio e da confissão (p. 99).

O matrimônio era o remédio para as tentações e os pecados da carne e a confissão era o dispositivo para regular, codificar e classificar a sexualidade. Assim, o pecado passa a espalhar-se pelo corpo do penitente e acaba envolvendo todos os setores da sua vida.

Já a confissão seria a forma de controlar o prazer, pela via da palavra. É a palavra falada, escrita ou simplesmente pensada em silêncio que tornará o prazer um pecado sexual.

Foucault (1980) não só reflete sobre o objetivo da confissão, como demonstra sua evolução para outras formas de legitimação. Para ele a confissão é o elo de ligação entre o sexo e a verdade, pois foi por muito tempo através deste dispositivo e não no ensino, pela educação sexual, nem nos princípios gerais e nas regras, nem na inclinação, que o sexo foi guardado, mantido. A confissão foi e ainda é a matriz geral(sic) que rege a produção do discurso verdadeiro sobre o sexo e que se transformou ao longo da história. Os procedimentos da confissão, foram formando "um grande arquivo do sexo", que evoluíram da penitência para as regras do saber científico, para a pedagogia, para as relações entre os adultos e crianças, para as relações familiares, para a medicina e a psiquiatria e principalmente através dos métodos de escuta clínica (p.62).

No entender de Foucault (1980):

A sexualidade foi definida como sendo, "por natureza", um domínio penetrável por processos patológicos, solicitando, portanto, intervenções terapêuticas ou de normalização; um campo de significações a decifrar; um lugar de processos ocultos causais infinitas, uma palavra obscura que é preciso ao mesmo tempo desencavar e escutar (p.67).

A questão do sexo tornar-se um elemento problematizado, parece ter sido a razão para encontrá-lo da maneira como é encarado nas mais variadas relações, tanto nas propostas de educação, como nos padrões de normatização elaborados por algumas ciências.

Outro dispositivo que merece destaque, com relação a sua influência na regulamentação do intercursos sexual, foi desenvolvido através de Medicina. Segundo Foucault (1980) esta regulação começou com a separação entre medicina do sexo e medicina do corpo. A prática do sexo, veio trazer anomalias, enfermidades e desvios adquiridos e se não fosse controlado poderia ameaçar as gerações futuras. O projeto médico ajudou então, a reforçar a Instituição do Casamento, o controle dos nascimentos etc. A medicina explicava que no final das contas, por trás de qualquer doença de fundo hereditário, havia a consequência de um perverso sexual. A mulher herdou o rótulo de "nervosa", sofrendo de vapores, justificativa para a histeria; o adolescente foi condenado aos prazeres e a criança à masturbação. Foi na figura do médico, que se propagou a preocupação com os efeitos da prática sexual, recomendando a abstenção e a virgindade (p.111-124).

Ainda sobre a questão da medicina, vale lembrar do poder do médico sobre o corpo da mulher, principalmente na figura do especialista em ginecologia. Normalmente ele decide sobre seus métodos anticoncepcionais, seus partos, sua amamentação, sua higiene, sua frequência sexual, enfim, interfere na sua conduta sexual. O médico, portanto, terá uma postura conforme o momento histórico exige; ele também reproduz os valores que mais interessam à moral vigente na sociedade.

Nesta mesma linha de pensamento, Costa (1983) descreve

como a medicina social, através de sua política higiênica, pode controlar a família. Cita alguns exemplos sobre o controle do médico sobre a vida da mulher: a mulher grávida, por exemplo, devia restringir, senão abolir ao máximo suas relações sexuais para evitar abortos. Caso esse argumento não convencesse a mulher da abstenção sexual, apelava-se para a preservação da imagem de "mãe higiênica", ou seja, aquela em que não cabe um significado sexual: "A mulher grávida é o santuário que abriga o germe do futuro cidadão" (p.262). As restrições também se prestavam à mulher que amamentava, pois elas podiam dar lugar à concepção. Todas estas limitações impostas à mulher tornavam o período para o intercuro sexual mínimo, além do que, o acesso a métodos anticoncepcionais mais eficientes eram de pouco acesso.

Foucault (1984 b) através de sua análise histórica da sexualidade, argumenta que o que define a especificação, em cada sociedade, da conduta sexual, principalmente regida pela moral cristã, é o valor do ato sexual. Verificou que as regras variam conforme a idade e a condição dos indivíduos. As interdições e obrigações não são impostas a todos da mesma maneira, mas é em cima do intercuro sexual que se delineará as regras de conduta e que indicará sob que condições o intercuro sexual poderá ou não ser legítimo. Ele relata o significado das práticas do intercuro sexual para a cultura grega, na época da Antiguidade, especialmente na século IV a.C. e uma das conclusões que chegou foi que:

O ato sexual não é considerado uma prática lícita ou ilícita, segundo os limites temporais no interior dos quais ele se inscreve: ele é encarado como uma atividade que, no ponto de intersecção entre o indivíduo e o mundo, o temperamento e o clima, as qualidades do corpo e as das estações pode provocar consequências mais ou

menos nefastas, e portanto, deve obedecer a uma economia mais ou menos restritiva. É uma prática que demanda reflexão e prudência. Não se trata, portanto, de fixar uniformemente e para todos, os "dias úteis" do prazer sexual; mas de calcular da melhor maneira, os momentos oportunos e as frequências que convêm (p.106).

Diante disso, pode-se dizer que o ato sexual era regido por uma economia dos prazeres, baseado na justificativa do esgotamento que poderia provocar; em contrapartida reforça-se os cuidados que o indivíduo deveria ter, na medida que o intercursos sexual implica na reprodução da espécie. Considerava-se então que, na atividade sexual em geral estava o domínio, a força e a vida do homem. A prática indisciplinada do ato sexual traria a ameaça ao sujeito moral, podendo até desencadear forças involuntárias, ao enfraquecimento das energias e a morte. Como demonstra Foucault, é, segundo uma moral severa, que a atividade sexual e seus prazeres marcam os dois primeiros séculos da nossa era. No cristianismo parece que os preceitos severos não são muito diferentes. Nele, considerou-se o ato sexual como um mal, somente tendo legitimidade no interior do vínculo conjugal e o amor entre os homossexuais, como anti-natural. No cristianismo também se desenvolveu um suporte institucional e uma armadura legal para o controle do prazer (p. 192).

Como pode demonstrar a literatura, o fato de considerar o intercursos sexual como perigoso, difícil de ser dominado e custoso vem de há muito tempo e sua inserção num regime atento também vem de séculos. Foram estas as raízes que estruturaram a elaboração de uma moral sexual tão rigorosa, que passa para o desenvolvimento de uma existência dominada pelo cuidado de si. Esta arte de si mesmo, não insiste mais nos excessos, mas na

dominação que se deve ter sobre si, e onde argumenta-se cada vez mais em cima dos males que a atividade pode trazer ao corpo e à mente. Vai ocorrer então uma modificação na moral sexual, que não vai mais acentuar as formas de interdição mas os procedimentos que se deve ter para controle de si mesmo. Isto ao mesmo tempo que propiciará uma atenção mais ativa à própria prática sexual, vai também mostrar o prazer como perigoso.

Hite (1978) por sua vez, considera que o intercurso sexual foi "institucionalizado" na nossa cultura como a única forma permitida da atividade sexual. Isto vem reforçar o ato sexual, enquanto forma de reprodução da espécie.

É artificial tentar limitar as relações físicas entre humanos ao coito. Mas talvez tenha também sido necessário canalizar todas as formas de contato físico para aumentar a taxa de crescimento da população (...). Foi institucionalizado em nossa cultura o desejo pelo número máximo de população, e daí fortaleceu-se a definição das mulheres como servindo basicamente a esse ideal (p.159)

A condição de se reduzir o intercurso sexual como a forma básica da sexualidade, suprime todas as outras, como por exemplo os contatos íntimos para o prazer, como a masturbação, as relações homossexuais, os beijos, as carícias entre amigos etc. Para Hite:

O sexo é uma intimidade física por prazer, com outro, ou só. Você pode fazer sexo para gozar, sexo sem orgasmo, sexo genital ou apenas ter intimidade física - o que lhe parecer certo. Não há qualquer razão para pensar que o "objetivo" tem que ser o intercurso, e tentar se obrigar a se sentir dentro desse contexto (p.403)

Com relação a puberdade e adolescência, Reich (1972) acredita que a questão sexual foi tratada pelos educadores e

psicólogos, de uma forma onde reconhecem a entrada na maturidade sexual, "mas fazem acrobacias para demonstrar que os jovens não precisam de fazer amor e devem respeitar a continência" (p.94). A sociedade lhe impõe a castidade, o que resulta numa "miséria sexual". Reconhece que os jovens vivem entre a percepção de seus desejos sexuais intensos e a dificuldade em satisfazê-los por meio das relações sexuais. Atribui as perturbações da puberdade a esta situação. Acredita ser a adolescência um período de longa e penosa agonia sexual. A razão para que se proíba que os jovens mantenham relações sexuais é, segundo Reich, para os levar a desejarem o casamento, já que é através dele que se adquire a licença para uma vida sexual ativa, dentro dos padrões morais. É através disso que se começa a entender porque a sociedade força tanto este caminho; o sexo sem o casamento acaba sendo uma ameaça para a sua manutenção. Como o próprio Reich diz: "a liberdade sexual da juventude significaria o fim do casamento" (p.96), porque as ligações sexuais poderiam ser fluidas e refletir unicamente o sentimento das pessoas, sem que haja o sentido de obrigação, coabitação, de coerção e nem interesse econômico. Observa-se também que estas restrições são tão poderosas, que acabam trazendo uma grande culpa para os adolescentes que se iniciam sexualmente. Eles se sentem preocupados, temerosos e consideram que podem estar cometendo um grande erro. Hoje, a liberdade sexual do jovem é um fato, mas ela não veio acompanhada de uma educação sexual "livre", o que possibilita uma certa ambivalência entre o que ele quer fazer e o que é viável fazer.

Depois desta breve reconstituição do significado do intercurso sexual, a nível histórico-social, poder-se-á falar um

pouco da sua representação para a adolescente.

Para Bardwich (1971) as meninas captam rapidamente a idéia do coito como um ato brutal por parte do varão e que, portanto, é algo ameaçador, que abala toda a alegria que têm com relação a ele. Além disso, criam a idéia de que sexo está ligado à maternidade, evitando com isso maiores contatos na vagina: "podemos ver que estas adolescentes gozam do "flert", ou beijo, ou carícias, mas sem serem motivadas por fortes exigências especificamente genitais" (p.87).

No seu enamoramento, apesar de estar envolvido um prazer sexual em grande intensidade, isso não implica em contato vaginal, que se torna mais agravante porque temem em usar contraceptivos com medo de engravidar. Por isso, Bardwich coloca que:

Seu motivo principal para participar do coito não é a satisfação de sua própria sexualidade, sem gratificação do seu comportamento, a causa é de sua necessidade de ser amada (p.88)

Conjuntamente, ocorre também uma maior vigilância dos pais, conforme aumenta seus atrativos sexuais, que se acentua com o temor da gravidez.

Uma pesquisa da mesma autora, com 150 jovens americanas, através de um questionário, revelou que o erotismo feminino é primordialmente psicológico e está principalmente em função do desejo de amar e de conservar o amor. Quando questionadas sobre por quê faziam amor, as respostas indicaram que para essa população, os prazeres do sexo pelo sexo são bastante raros. Para a maioria o sexo é uma técnica para comunicar amor numa relação e

que se não participassem amorosamente, a relação poderia ser interrompida. "O ato é importante porque o varão assim determina, e carece de verdadeira importância por si mesmo"(p.95). Encontrou-se também em todas as entrevistas das mulheres casadas ou não casadas, um sentimento que a autora denominou "prostituição psicológica", que é a sensação de estar sendo utilizada, apesar da sedução consciente que se faz para se conquistar o afeto.

2.2.3. Estudos sobre a Maternidade

Para Langer (1981) a maneira como a mulher exerce sua condição de fêmea, grávida e mãe, tem se alterado com o transcorrer dos tempos, além de se modificar à luz dos valores culturais e da estrutura social, à qual pertence. Antigamente a sociedade impunha restrições na área sexual e social, mas reforçava suas atividades maternas. Atualmente o quadro parece ter mudado. Neste último século a mulher da nossa civilização adquiriu uma liberdade sexual e social totalmente desconhecida há apenas três gerações "(p.17).

Posição semelhante é defendida por Prado (1983), que coloca estar o papel da mulher diretamente ligado às condições econômicas e às organizações sociais, estas responsáveis também por modificar a própria estrutura familiar. Ela mostra que hoje são encontradas um grande número de famílias chefiadas por mulheres, principalmente de pequenos povoados, regiões suburbanas e, em menor escala, em todas as classes urbanas (p.76). Completa este argumento Badinter (1985) que acredita ser em função das necessidades e dos valores dominantes de uma sociedade que se

determinam os papéis respectivos de pai, mãe e filho (p.12).

Por outro lado, Naffat Neto (1980) discute que apesar da mulher ter conquistado maior espaço econômico e cultural e ter deixado de ser exclusivamente a "dona de casa", os papéis-modelos na relação com o homem, na maioria dos casos, somente se inverteram:

Se antes o homem era orgulhoso e cego devido a sua posição oficialmente "superior", a mulher, quando ocupa essa posição não parece assumir uma postura muito diferente (p.25).

O autor aponta a figura materna como tendo um poder invisível, dissimulado e até pernicioso e que é camuflado pelo autoritarismo visível do pai. Assim, a representação de mãe, como abnegada, de dedicação heróica e mártir acaba escondendo o seu domínio (p.23). É esta a imagem que a nossa geração acaba recebendo e perpetuando como modelo histórico.

Mas apesar do avanço conseguido pela mulher em alguns setores, segundo Moraes (1985) a primeira função social que é atribuída à mulher ainda é a de procriadora (p.26). Se isso for real, pode-se calcular o quanto a sua sexualidade fica comprometida, pois tudo parece girar em torno deste papel, e que tem como principal aliado o controle - muitas vezes até repressivo - que a mulher acaba exercendo sobre o próprio corpo. O prazer acaba dando lugar à preocupação com a contracepção ou a responsabilidade pelo controle da natalidade; o conhecimento das funções maternas em contrapartida ao desconhecimento do seu próprio corpo e ao peso de se ter que enquadrar neste papel.

Sexo, então vem vinculado à maternidade, e isto pode

ser observado, segundo Bardwich (1971) na ambivalência que acaba sendo experimentada pelas adolescentes, que ao apresentarem o desejo de se relacionar sexualmente, se sentem extremamente ameaçadas pelo temor à gravidez (p.87).

Scavone (1985) através de uma pesquisa realizada com um grupo de mulheres da Ilha de São Luís na comunidade da periferia e interior, sobre maternidade, contracepção e aborto, demonstrou que:

A maternidade se configura com um fenômeno muito mais social que biológico, sendo que este último marcado notoriamente pela cultura e sociedade onde acontece (p.37)

A autora conclui - confirmando também outra ambivalência existente nesta questão para a mulher - que a maternidade, num momento aparece como um prazer indiscutível e também como uma necessidade afetiva, em outro momento como um difícil exercício. O significado destas constatações poderia estar na mesma rede de representações que mostram de um lado, o prazer da maternidade e, de outro lado, a opressão que ela desperta nas mulheres (p.49).

Segundo Barroso (1981), os movimentos feministas, por sua vez, tentam mostrar que a idéia da maternidade como função exclusiva da mulher e as qualidades naturais necessárias ao cuidado das crianças, servem apenas para manter a sua conformidade, quando a maternidade deveria ser uma escolha (p.6).

O valor atribuído à maternidade parece ser tão forte, que Belotti (1981) mostra a espécie de condicionamento que se vê na educação das meninas. Logo que elas nascem já colocam uma boneca no seu colo, ensinando-a a niná-la. É por aí que começa a

educação diferenciada do menino e da menina (p.54). Recentemente tabus relativos a estas idéias estão caindo e as mulheres começam a questionar o papel de mãe que lhe foi conferido.

Badinter (1985, passim) traz uma grande contribuição no sentido de desmistificar a maternidade enquanto uma condição inata da mulher. Ela faz uma análise filosófica e histórica sobre o amor materno, e chega a conclusão que este amor é um mito. Considerado instintivo, o amor materno eliminaria da normalidade as mulheres que não quizessem ser mãe e as que não tivessem uma satisfação incalculável ao se ocupar do filho. Acontece que a história demonstra momentos onde esse amor e maternagem eram praticamente inexistentes. É o que acontecia com as mães da burguesia, principalmente no século XVII, na França, que deixavam seus filhos recém-nascidos para serem tratados por suas ama-secas por muitos meses, apesar da alta taxa de mortalidade que ocorria. Atualmente, o mesmo tipo de rejeição (ou opção) continua ocorrendo, só que em circunstâncias diferentes; é o caso de observar a ocorrência das taxas de abortos e o elevado número de crianças abandonadas.

Outro argumento usado pela autora é de que, o fato da maternidade e o amor que ela implica, estarem associados ao sexo feminino, desvaloriza o amor paterno, que atualmente está cada vez sendo mais defendido, como tão importante quanto o da mãe. Também, o fato de que qualquer pessoa (o pai, a ama, etc.) poder "maternar" a criança derruba a possibilidade de ser uma capacidade apenas da mãe.

Finalmente, Badinter (1985) conclui que, apesar de haver uma pressão social grande para que a mulher só possa se

realizar na maternidade, o contrário também começa a ocorrer: a mulher exerce pressão para que o pai materne o filho, como um meio de dividir com ele, não só os prazeres, mas também os encargos, as angústias e os sacrifícios da maternagem.

Ao se percorrer a história das atividades maternas, nasce a convicção de que o instinto materno é um mito. Não encontramos nenhuma conduta universal e necessária da mãe. Ao contrário, constatamos a extrema variabilidade de seus sentimentos, segundo sua cultura, ambições e frustrações (...). O amor materno não é inerente às mulheres, é "adicional" (p.367)

Silva (1979), acredita que a atribuição da maternidade à mulher como um ônus, pode acarretar numa série de sofrimentos e conflitos. A mulher que não deseja ter filhos, por exemplo, é julgada quase um monstro. Maternidades desastrosas acontecem porque a mãe procriou apenas por imposição social. A mulher que não consegue ter filhos, por uma causa psicológica, pode estar querendo dizer da sua própria rejeição da maternidade (p.235).

Por causa de todas as formas institucionalizadas, ou não, de Educação, que vêm contribuindo para manter uma postura distante do real, foi elaborado um documento sobre o papel da mãe, por Carvalho e Vassimom (1982) onde elas afirmam que posturas como estas: "Mãe se dá inteiramente a seus filhos", "padecer no paraíso", "não espera nada em troca", acabam matando o próprio papel de mãe, violenta a mulher-mãe e prepara a criança para um mundo que não existe. O documento conclui: "mãe é um papel fundamental para ajudar a mulher a perceber sua criatividade, a perceber suas limitações, a amar e ser amada, a se construir pessoa" (p.3).

Friday (1977) analisa a questão da maternidade, se

detendo na relação mãe e filha. Ela demonstra que recebemos muitas mensagens de nossa mãe durante a educação e não escapamos a elas. Esta relação é tão poderosa, que a menina não admite que não gosta da mãe, mesmo que esta tenha agido negativamente com ela. Também, dependendo da relação que teve com a mãe, pode ter problemas ou não nas suas relações futuras, principalmente quanto a relacionamentos sexuais (p.16).

Portanto, é de suma importância para a representação que a mulher faz da maternidade, a imagem que tem da sua própria mãe. Isto não significa que o pai também não exerça um papel importante nesta representação, e nem que a relação entre ambos, pai e mãe, não exerça influência. Mas ainda a mãe, principalmente por ser do sexo da filha, e por estarem mais tempo com os filhos, será quem exercerá o papel fundamental para a elaboração desta representação.

Romera (1985), desenvolveu uma dissertação sobre os aspectos psicológicos relacionados à maternidade, em um grupo de adolescentes. Ela afirma que a mulher não se torna mãe na hora de dar à luz, apesar deste momento se constituir em uma passagem significativa de um estado para outro. Todavia,

tanto as vinculações primárias e objetais desta mulher, quanto a forma como se desenrolou o seu processo gestacional, influem significativa e notoriamente no seu parto, na sua relação com o bebê (p.1).

A autora chega a conclusão que um dos motivos da gravidez na adolescência, além do desequilíbrio da estrutura familiar em que vive e da necessidade de ser reconhecida em uma sociedade ingrata para a juventude, é a forte relação que teve com a mãe

dificultando a sua própria sexualidade. Sem falar da dificuldade desta adolescente em assumir o seu próprio corpo e de conhecê-lo, não se utilizando de métodos contraceptivos adequados, deixando esta responsabilidade ao parceiro (p.129).

Charbonneau (1986) vê a questão da maternidade ameaçada, e com pessimismo. Acha que "se em outros tempos a maternidade foi tratada como um ato de nobreza, dignidade, nos nossos dias está se tornando uma agressão rude contra a pessoa das jovens adolescentes"(p.3). Revela a exorbitante proporção em que a maternidade vem sendo exercida de modo precoce e nas piores condições, por jovens que não ultrapassam a faixa de treze a dezenove anos. Acredita que a maternidade se tornou um execrável ônus (sic), uma aventura maldita para a mãe-adolescente. O Alan Guttmacher Institute, após um estudo que se referia a trinta e sete países, revelou que, por exemplo nos Estados Unidos, 40% das adolescentes, entre treze e dezenove anos, engravidaram pelo menos uma vez. "São crianças que geram crianças", pois estas mães nem saíram da crise da puberdade e da identidade. Quanto às causas deste fenômeno, Charbonneau acredita que seja primeiramente a prática das relações sexuais precoces, que nos últimos quinze anos aumentou de dois terços entre os adolescentes. Em seguida, uma assustadora ignorância sobre os fatos relacionados à reprodução e até a influência da televisão que "sabota todos os critérios morais e oferece modelos de comportamento que zombam da sexualidade e lhe roubam toda sua dignidade, proveniente do amor" (p.3).

É de fato preocupante esta questão da maternidade na adolescência. Alguns fatores, que vão além da liberação sexual,

possibilitam uma maior probabilidade de gestações; existe também os fatores econômicos e sociais que acabam tornando a maternidade um peso. Não há muita condição de se criar a criança que vem destas adolescentes, principalmente se pertencerem à uma classe menos privilegiada; orientações que poderiam ocorrer a nível de prevenção são quase inexistentes, principalmente em regiões mais necessitadas, como é o caso da periferia e da zona rural. Um dos frutos desta situação é o abandono do filho e muitos deles podem ser encontrados nas Instituições de menores. Os reflexos desse abandono parecem ser claros, se se observar o que as meninas institucionalizadas expressam com relação à maternidade: ao mesmo tempo que desejam ter uma criança, temem pela ameaça de não poderem cuidar dela, como ocorreu com sua própria mãe.

Estes estudos pretenderam demonstrar a forte relação entre intercurso sexual, maternidade e menstruação, como fonte de influências para a vida da mulher. Em relação a adolescente, este conjunto torna-se ainda mais significativo, pois começa a refletir, senão a viver estas questões. Além disso, a influência de um aspecto sobre o outro justifica ainda mais esta inter-relação. A menstruação, que simboliza o início de uma maturidade sexual e que vai permitir que a maternidade ocorra, através do intercurso sexual, que por sua vez representa o prazer e ao mesmo tempo o medo à gravidez. De certa forma, a menstruação passa a ser algo esperado, mas que ao mesmo tempo é sentido como dor e mutilação, e como uma espécie de termômetro que indicará a gravidez ou não. Este processo pode desencadear uma série de implicações, interferindo na maternidade e na prática sexual.

Estas reflexões servirão apenas como ponto de partida.

Elas podem demonstrar a importância do tema, assim como, a direção que pretende seguir esta pesquisa. Ao longo do trabalho, outras questões aparecerão e, deverão completar estas contribuições.

CAPÍTULO III

3. METODOLOGIA

3.1. Tipo de Pesquisa

Pesquisa de Campo do tipo Qualitativa e Descritiva.

Para Ludke e André (1986) a pesquisa Qualitativa se preocupa em buscar os fenômenos, levando em conta o quadro referencial de significados, dentro do qual as pessoas interpretam seu pensar, sentir e agir; ela tem como fonte de dados seu próprio ambiente natural e o pesquisador como seu instrumento principal (p.56). Os dados coletados são predominantemente descritivos, seja quanto a pessoas, como a situações ou acontecimentos. "O significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador"(p.12). Para Franco (1986) os dados são analisados levando-se em conta suas múltiplas facetas, à luz dos fatores sociais, econômicos, psicológicos, etc (p.35).

3.2. População e sua Caracterização

Constam de sujeitos que preenchem os seguintes critérios:

- a) Pertencer ao "quarto de mocinhas" da Instituição
- b) Estar na fase da puberdade ou adolescência
- c) Nível intelectual na faixa Educável (Anexo 1)

A instituição onde foi desenvolvida a pesquisa localiza-se na cidade de Rio Claro - SP. Abriga uma população a nível de internato (feminino), semi-internato e externato (masculino e

feminino). Esta população caracteriza-se por uma acentuada dificuldade de aprendizagem, constatada por uma avaliação psicológica e/ou um rebaixamento intelectual na faixa Educável.

Os sujeitos da pesquisa pertencem à população de abandonadas e assistidas. Atualmente a população é em número de 34, na faixa etária de 6 a 14 anos, com exceção de uma que acabou morando efetivamente na Instituição (dados de outubro de 1986).

A maioria dos casos atendidos vem acompanhada de uma problemática social e emocional causada pela desagregação, ausência (abandono) ou desestruturação familiar.

A permanência das internas na Instituição é até a idade de 16 anos, quando retornam à família de origem, caso esta apresente condições sócio-econômicas para ampará-las. Pode ocorrer delas serem encaminhadas a um lar substituto, que ficará com sua guarda até os 18 anos, quando ambas - a egressa e a família - decidem sobre sua permanência. Caso não seja possível nenhuma dessas alternativas, a menina volta para a FEBEM.

Além dos atendimentos especializados, esta população frequenta a escola da Comunidade.

No dia a dia da Instituição, as pessoas que mais acompanham suas atividades são as monitoras, num total de 10, responsáveis por orientações com relação à higiene, tarefas escolares, alimentação, vestuário, etc.

A Instituição é coordenada por uma equipe técnica responsável pela parte especializada, orientação das monitoras, professores, pais (principalmente de semi-internos) e pela organização do grupo como um todo. No que se refere ao internato, o

principal objetivo é o de preparar as meninas para atuarem fora da Instituição. E isto é levado a efeito por intermédio de um trabalho a nível biopsicossocial com as internas. A Instituição tem a direção de um grupo de pessoas voluntárias, que não recebem nenhuma remuneração e não tem especialização na área. Pertencem a uma Entidade Espírita, a qual cede o prédio.

As internas têm várias atividades dentro e fora da Instituição. As que estão preparadas a nível profissionalizante fazem um treinamento em casa de família, como empregada doméstica, ajudam em atividades manuais, (em confecções por exemplo), atuam como pajem ou ajudante de escolinha. Recebem uma gratificação, podendo com ela fazer compras na Comunidade. As que estão na Instituição trabalham no esquema de escala, passando por todos os setores da Instituição (cozinha, lavanderia, rouparia, limpeza das dependências da Instituição). Estas atividades são remuneradas através de cartões, que simbolizam dinheiro e que podem ser trocados por mercadorias na lojinha da Instituição.

Ainda funciona na Instituição uma Oficina Pedagógica, onde podem aprender vários tipos de trabalhos manuais.

Caracterização dos Sujeitos

Dentro da população mencionada, encontra-se um grupo denominado "Grupo das Mocinhas", que foi formado com o objetivo de preparar a saída destas meninas sob o aspecto psicossocial. Os sete sujeitos desta pesquisa pertencem a este grupo.

O grupo foi formado em 1985 e seus elementos variam conforme a saída, ou seja, cada mocinha que é desinternada, dá a oportunidade para a entrada de outra, que será escolhida em comum

acordo com as próprias mocinhas, as monitoras e as técnicas. Elas têm certas regalias, em relação às outras meninas: saem à noite no final de semana, fazem compras com dinheiro (e não fichas, como as outras); guardam suas roupas no próprio quarto e não na rouparia, tem móveis e enfeites no quarto, assistem televisão até tarde. O critério de entrarem no grupo é principalmente a maturidade da menina, em termos de ter um bom comportamento dentro da Instituição, realizar estágio e estar próxima da sua saída. O trabalho com as mocinhas é muito dinâmico, principalmente porque são realizadas reuniões semanais, onde são questionadas todas as decisões e realizadas as reflexões sobre todo o trabalho que vem sendo desenvolvido com elas.

Os Dados de Identificação dos sujeitos se encontram no Anexo 2, juntamente com o Roteiro utilizado para coletar estes dados.

3.3. Ambiente, Equipamento e Instrumentos

A pesquisa foi realizada na própria Instituição em um local silencioso, com boa iluminação e sem a possibilidade de interferência de terceiros.

As entrevistas foram registradas em gravador de fita cassete.

Foi utilizado como instrumento uma Entrevista semi-estruturada que, segundo Ludke e André (1986), o pesquisador tem um esquema básico do qual vai partir, mas não é aplicado rigidamente, permitindo que se façam as necessárias adaptações (p.36).

(ANEXO 3)

3.4. Procedimento para a Coleta de Dados

Para preencher os dados de Identificação dos sujeitos, foi consultado o seu Prontuário, que contém sua história de vida, os aspectos legais de sua situação, os pareceres técnicos e os dados de atualização. Quando necessário, foram consultados outros registros da Instituição e os profissionais da área que poderiam esclarecer algum dado.

O roteiro de Entrevista foi elaborado através das reflexões feitas durante a revisão bibliográfica, se preocupando com alguns aspectos mais relevantes da temática. Foi escolhido este instrumento, primeiro, porque a abordagem adotada se ocupa principalmente da linguagem para avaliar o significado do que as pessoas representam; segundo, porque para este tipo de coleta é preciso estabelecer uma relação de confiança entre pesquisador e sujeito, pois trata-se de um assunto que ainda causa uma certa resistência, sendo que a situação face-a-face, pode estimular no entrevistado o fluxo natural de informações. As perguntas puderam ser mais bem elaboradas durante o processo, tendo em vista que o discurso verbal é uma das principais vias para a visão do mundo das pessoas. Além disso, trata-se de uma população na qual uns são mais introvertidos, outros são mais extrovertidos, exigindo assim uma certa adaptação e, finalmente, porque podem ser observados naquilo que dizem.

Desta forma, primeiramente foi feito um pré-teste com algumas meninas da Instituição, através de sorteio, que possuíam características semelhantes aos sujeitos. Por intermédio deste pré-teste observou-se que:

1. A ordem dos roteiros não deveria ser estabelecida à

priori, mas ir se adaptando ao conteúdo que iria surgindo durante a Entrevista.

2. O gravador serviu de elemento motivador, uma vez que as meninas tinham muita curiosidade em ouvir sua própria voz após a Entrevista.

3. O local da Entrevista deveria continuar o mesmo planejado.

4. A postura da pesquisadora diante das questões deveria ser a de não-diretividade.

Testado o instrumento, a Coleta de Dados deu-se em duas etapas: individual e em grupo.

Com relação a etapa individual, foi solicitado que o sujeito se apresentasse ao local escolhido e uma vez estabelecido um "rapport", era ligado o gravador. Foi feita uma breve explicação do objetivo da Entrevista, assim como do Procedimento. Foi esclarecido que não existiria certo ou errado nas respostas e que estas teriam um caráter confidencial. Foi explicado também que a qualquer momento o gravador poderia ser desligado, caso o sujeito não quisesse que algum conteúdo fosse gravado. Ao final da Entrevista, era ouvido um trecho da mesma, juntamente com o sujeito.

Como a ordem dos roteiros variou conforme a direção da Entrevista de cada sujeito, observou-se que muitas vezes, os roteiros se mesclavam, à medida que o assunto ia sendo desenvolvido.

Os comportamentos dos sujeitos também variaram. Houve os que se inibiam no começo, mas iam se soltando à medida que iam conversando. Outros sujeitos não tiveram nenhuma dificul-

dade, até aproveitaram para falar sobre seu cotidiano. Dois casos foram mais comprometedores, exigindo maior habilidade da pesquisadora. Com um deles, tentou-se até um novo encontro, na esperança de um melhor contato com o sujeito. Apesar do pouco sucesso, foi possível colher algum dado.

Durante a Entrevista, eram esclarecidas todas as dúvidas que diziam respeito ao entendimento das questões. Não eram respondidas questões que pudessem induzir a resposta do sujeito.

O sujeito era incentivado a cada questão para continuar se colocando: - "Você gostaria de falar mais alguma coisa?"

O sujeito era questionado, toda vez que o conteúdo tivesse que ser clarificado, como por exemplo: vocabulário estranho à pesquisadora, não entendimento do relato, etc.

Quanto à utilização do gravador, notou-se que os sujeitos na sua maioria ficavam satisfeitos, principalmente pela possibilidade de ouvirem sua própria voz. Nenhum sujeito pediu que fosse desligado o gravador durante a Entrevista.

Algumas vezes a gravação era ouvida durante a Entrevista, principalmente com os sujeitos mais inibidos, numa forma de motivá-los. No final de cada Entrevista ouvia-se a fita junto com o sujeito.

No término da Entrevista era feito um agradecimento e explicado que teríamos um próximo encontro, onde iríamos conversar com todo o grupo.

Após a saída do sujeito da sala, eram anotadas as observações que se deram durante o contato, assim como o relato da Entrevista.

O tempo das Entrevistas, variou de 30 minutos a uma

hora e quinze minutos.

A segunda etapa da Entrevista foi planejada conforme os resultados das Entrevistas Individuais e teve como objetivo o de esclarecer e aprofundar algumas questões. Teve a participação de uma auxiliar de pesquisa que observou a comunicação e o comportamento dos sujeitos. Esta etapa também foi gravada.

A Entrevista em Grupo foi elaborada mediante a leitura de todas as Entrevistas individuais já transcritas. A partir disso, foram levantadas as questões que deveriam ser melhor elaboradas ou que pudessem ser clareadas. Dentre estas perguntas, estavam as que não foram respondidas anteriormente.

Foi decidido que o melhor local para a Entrevista, seria o próprio quarto onde dormem, local arejado, amplo e de difícil acesso aos outros membros da Instituição.

Utilizou-se o gravador, o auxílio de uma observadora e foram estabelecidas algumas regras, para facilitar o andamento da Entrevista, tais como:

1. Não existiria resposta certa ou errada;
2. Somente um sujeito deveria se colocar, para colaborar na gravação, os outros sujeitos deveriam esperar pela própria vez.
3. Manter a organização, visando a maior efetividade do processo.

A Entrevista durou aproximadamente três horas e no final da mesma, foi pedido que cada participante do grupo se colocasse tentando fazer uma Avaliação e expor a opinião sobre o evento.

3.5. Procedimento para a Análise dos Dados

Os dados foram analisados conforme a metodologia utilizada para a Análise de Conteúdo. Esta é uma técnica de pesquisa aplicada com múltiplos propósitos, desde que a investigação tenha como base o conteúdo da comunicação.

Por intermédio da Análise de Conteúdo busca-se inferir aspectos da cultura e mudança, valores, atitudes, sentimentos, etc, sendo um instrumento particularmente útil na pesquisa em Psicologia Educacional quando há o interesse de se investigar determinado problema, a partir da própria expressão dos sujeitos, quer seja em dissertações, depoimentos, entrevistas, redações, diários pessoais, testes projetivos e assim por diante.

Para Berenson (1971, in Goldberg e Franco) a Análise de Conteúdo "é uma técnica de pesquisa objetivando a descrição objetiva, sistemática e quantitativa de conteúdo manifesto da comunicação" (p.5). Em outras palavras, a análise de conteúdo é uma técnica cujo objetivo é a busca de sentido ou de sentidos de um texto.

Goldberg e Franco (1980), a partir da definição acima, explicitaram alguns requisitos básicos para a Análise de Conteúdo, entre eles: a objetividade, a sistematização e a quantificação (p.5).

Quanto à objetividade, esta deve estabelecer claramente que passos no processo de pesquisa devem ser executados de maneira precisa e explícita, principalmente no que diz respeito a elaboração de categorias, de tal modo que outros pesquisadores, ao investigar o mesmo conteúdo, possam obter resultados semelhan-

tes.

A sistematização implica na inclusão e exclusão de conteúdos ou categorias, tomando por base dois indicadores. O primeiro pressupõe que todo conteúdo relevante seja analisado por intermédio de categorias também relevantes, considerando-se os objetivos da pesquisa. O segundo indicador implica em que os resultados da análise de conteúdo possam ser generalizados.

A quantificação implica na tradução, para dados numéricos, dos aspectos relevantes do conteúdo da comunicação. No âmbito deste requisito, o significado do termo "quantitativo", aplicado à Análise de Conteúdo, gera discordância entre os autores.

No que diz respeito à quantificação, para não adentrar numa polêmica ainda não superada, considera-se oportuna a colocação de Goldberg e Franco (1980) de que "explícita ou implicitamente, muitos dos mais rigorosos estudos quantitativos usam procedimentos não numéricos em vários estágios da pesquisa"(p.9-10). Estas mesmas autoras, citando Holsti, dizem que para este autor a questão importante para o analista fazer-se não é "Estou sendo quantitativo", mas sim, "Qual é a relevância teórica das medidas que uso".

Para Klipperdorf (1980) a análise de conteúdo possibilita fazer inferências válidas e replicáveis, respeitando-se a informação coletada a fim de se determinar o significado do próprio conteúdo (p.41). Estas inferências, segundo Franco (1986) é que conferem a esta técnica, relevância teórica, uma vez que implica em comparação com outro dado. O conteúdo pode ser abordado sob vários ângulos, dependendo das Unidades que se utilizar,

unidades estas que podem ser uma palavra, o parágrafo ou o texto como um todo (p.17).

No tocante ao presente trabalho, a primeira decisão a ser tomada para a Análise de Conteúdo das entrevistas registradas foi quanto à escolha das Unidades de Análise. Segundo Goldberg e Franco (1980) estas Unidades estão divididas em Unidades de Registro e Unidade de Contexto. A Unidade de Registro é a menor parte do conteúdo, podendo ser uma palavra, um símbolo, tema, personagem ou ítem. A Unidade de Contexto é mais ampla e inclui a Unidade de Registro. A Unidade de Contexto pode ser uma sentença, um parágrafo, conjunto de parágrafos, uma página, etc (p.27).

Por outro lado, Ludke e André (1986) colocam que, para que este conteúdo da comunicação seja inteligível faz-se necessário criar as categorias de Análise, categorias estas que refletem os propósitos da pesquisa, devendo respeitar os seguintes critérios: homogeneidade interna, heterogeneidade externa, inclusividade, coerência e plausibilidade (p.43).

Embora não exista uma norma fixa para a construção de categorias, Guba e Lincoln (1981) sugerem que primeiramente, deva-se fazer um exame do material, procurando-se encontrar os aspectos relevantes da comunicação, partindo-se daí para a observação daqueles temas que aparecem e reaparecem no texto, em vários contextos. Os aspectos que aparecem com determinada regularidade é que servirão de base para o primeiro conjunto de categorias (p.43). Feita a avaliação das categorias segundo os critérios apontados por Ludke e André, posteriormente parte-se para um aprofundamento da análise tentando enriquecer o mais

possível o sistema de construção das categorias. Finalmente, uma última avaliação deve julgar as categorias do ponto de vista da abrangência e delimitação.

Com relação a presente pesquisa, decidiu-se por utilizar como Unidade de Contexto cada Entrevista individual e como Unidade de Registro as sentenças ou conjunto de sentenças indicativas dos temas relacionados com as três grandes áreas que serão estudadas: menstruação, intercurso sexual e maternidade.

Seguindo-se estes princípios, iniciou-se a Análise dos Dados, realizando-se a transcrição do material gravado. Posteriormente, partiu-se para a análise das entrevistas individuais e em grupo, primeiramente congregando-se os dados pertinentes aos temas: menstruação, maternidade e intercurso sexual. Daí, partiu-se para a elaboração das categorias, baseando-se em parte, na pesquisa bibliográfica e, fundamentalmente, naquilo que emergiu no discurso dos sujeitos. Uma vez definidas as categorias, por intermédio de repetidas leituras analíticas dos discursos, foram sendo desveladas as representações sexuais dos sujeitos dentro de cada tema; foram obtidas então, as seguintes categorias:

MENSTRUÇÃO

a) **IMPORTÂNCIA DA MENSTRUÇÃO** - objetivo da menstruação e seu significado na vida da mulher.

b) **INFORMAÇÕES ADQUIRIDAS ATRAVÉS DA PRÓPRIA VIVÊNCIA OU DE OUTRAS PESSOAS SOBRE A MENSTRUÇÃO** - conhecimento que tem e fonte de informação sobre a menstruação.

c) **VANTAGENS E DESVANTAGENS DA MENSTRUÇÃO** - se a menstruação traz algum benefício ou prejuízo para a mulher.

d) DESCRIÇÃO E SENTIMENTOS SOBRE A MENARCA - lembranças, percepções e reações frente à primeira menstruação.

e) PRIVAÇÕES, ATITUDES E SENTIMENTOS DURANTE O PERÍODO MENSTRUAL - menstruação como impedimento de algum comportamento que se tem normalmente; como se comporta durante o período menstrual e qual os sentimentos que observa.

f) MODIFICAÇÕES PERCEBIDAS DEPOIS DO APARECIMENTO DA MENARCA - percepções psicológicas ou físicas decorrentes do aparecimento da menstruação.

g) SENSACÕES DIANTE DA VISUALIZAÇÃO DA MENSTRUÇÃO - como se sente ao olhar o sangue, seja em si mesmo, seja nas outras pessoas.

h) CRENDICES - crenças sobre a menstruação sem fundamento científico ou lógico.

i) MOTIVAÇÃO PARA A VINDA DA MENSTRUÇÃO - detectar o desejo ou a expectativa para a menstruação, nos sujeitos que ainda não a vivenciaram.

INTERCURSO SEXUAL

a) OBJETIVO DO INTERCURSO SEXUAL - porque as pessoas realizam o intercurso sexual, tanto a nível de necessidade biológica quanto psicológica.

b) SENSACÕES FÍSICAS / PSICOLÓGICAS - sensações de prazer ou dor que imaginam ocorrer durante o intercurso sexual.

c) INFORMAÇÕES E FONTES DE INFORMAÇÕES - citação de pessoas que comentaram sobre o intercurso sexual e tipo de informação.

d) PAPEL DO HOMEM E DA MULHER DENTRO DO ATO - atitudes no desempenho do intercuro do homem e da mulher.

e) CONDIÇÕES PARA O INTERCURSO - limitações que impedem ou não a realização do intercuro sexual.

f) INTIMIDADE E INTERCURSO SEXUAL ENTRE AS MULHERES - opinião sobre a relação entre as mulheres.

g) EXPECTATIVAS EM RELAÇÃO AO INTERCURSO SEXUAL - como imagina que é o intercuro e se expressa o desejo de realizá-lo.

h) NOÇÃO DE MÉTODOS ANTICONCEPCIONAIS - se apresentam algum meio de evitar a gravidez.

i) PROCESSO FISIOLÓGICO RELACIONADO AO INTERCURSO SEXUAL - se associa o processo do intercuro com alguma mudança a nível fisiológico.

MATERNIDADE

a) PAPEL DE MÃE - atividades e atitudes que definem a função materna.

b) PAPEL DE PAI - atividades e atitudes que definem a função paterna.

c) MOTIVAÇÃO PARA A MATERNIDADE - se expressa o desejo de ter filhos.

d) EXPECTATIVAS DO PRÓPRIO PAPEL DE MÃE - atitudes como futura mãe, assim como a expectativa relacionada a filhos.

e) SIGNIFICADO DA MÃE SOLTEIRA - qual o valor que atribui à mãe que não é casada ou que cria o filho sem o pai.

f) MATERNIDADE ATRAVÉS DA ADOÇÃO E VALORES RELACIONADOS - como encara a adoção e grau de importância comparado à maternidade verdadeira.

g) SENTIMENTOS COM RELAÇÃO À PRÓPRIA MÃE - sentimentos que percebe com relação à mãe e comentários sobre suas lembranças a respeito da mesma.

Uma vez definida as categorias, foram agrupados os dados em três grandes quadros relativos aos temas: menstruação, intercurso sexual e maternidade, de forma que cada categoria remetia ao discurso de todos os sujeitos. (ANEXO 4)

Posteriormente, mediante a leitura da Entrevista em grupo, foi realizado o mesmo processo, tentando-se agrupar o discurso dentro das categorias já existentes com o respectivo número do sujeito. Quando necessário, foi aberta nova categoria para que fossem incluídos outros dados.

Diante da leitura dos resultados, ou seja, das categorias juntamente com o discurso correspondente, nova leitura foi realizada, agrupando-se algumas categorias semelhantes ou anulando outras que não se faziam necessárias para a análise, resultando nas que foram citadas anteriormente.

Com o quadro elaborado, deu-se início à Análise de Conteúdo propriamente dita, seguindo uma sequência de raciocínio conforme o que apresentou as categorias.

CAPÍTULO IV

4. ANÁLISE DOS DEPOIMENTOS

Convencões adotadas na apresentação do Material

Para facilitar a compreensão do leitor, assim como para manter o sigilo dos nomes dos sujeitos, foi atribuído um número que identifica cada sujeito. Quando este número vier acompanhado da letra "g", significa que o depoimento foi coletado da Entrevista em grupo. Desse modo, o sujeito será representado, por exemplo, assim: S1, que significa sujeito número 1; Sg1, significa que o depoimento é do sujeito 1, coletado da Entrevista em grupo.

4.1. MENSTRUACÃO

a) Importância da Menstruação

Nesta categoria observa-se que os depoimentos oscilam entre ser a menstruação um motivo de elevação da mulher, uma vez que abre a possibilidade de ter filhos e a de ser a menstruação um motivo de sofrimento porque vem associado a dor, incômodo e doença.

"É importante porque ela quando ela poder ela vai ter filho"(S1)

"É importante porque toda mulher que não tiver fica doente"(S2)

"Acho que é bom não sei, a fulana de tal disse que um dia ficou e tava doendo (...) a barriga dela"(S7)

b) Informações e Conhecimentos Adquiridos Através da Própria Vivência e de Outras Pessoas sobre a Menstruação.

A maioria dos depoimentos revelou saber o que era a menstruação, e associaram-na a ter filhos. O depoimento abaixo associa a menstruação com a maternidade propriamente dita e tem a noção que a dor pode advir de problemas oriundos do organismo.

"Quando a mulher estiver menstruada ela pode ser mãe (...). Dói a barriga porque tem problemas." (S7)

No depoimento seguinte existe uma certa preocupação com relação à temporalidade da menstruação. Parece que o conhecimento sobre a realidade de outras adolescentes os deixam apreensivos, é difícil entenderem as diferenças individuais que há entre elas.

"Só prá mim vem dia vinte e cinco. Prás meninas vem dia um, dois. Tia, todo mundo não tem que ficar cinco dia? A fulana de tal vem dois dia e para (...). Eu falei tá errado, tem que ficar cinco dia. (S1)

Parece ser amedrontador o fato do fenômeno menstruação atrasar ou adiantar, uma vez que não se tem contrôle sobre isso. Por ser um processo que ocorre dentro de mulher, mas que se manifesta fora, supõe todo um ocultamento que ameaça a segurança da adolescente:

"Atrasou, depois veio bastante. Em vez deu ficar cinco dia, eu fiquei seis dia. A monitora falou que é assim mesmo" (S5)

"Já atrasou uma semana, daí a monitora falou que era normal" (S2)

"Atrasou (...) Pensei que não ia vim mais". (S3)

As informações que os sujeitos receberam sobre a menstruação parecem ser um tanto conformistas, representando-a como um fardo que a mulher tem que carregar.

"A monitora falou que acontece com todo mundo (...) A monitora disse: "Isso não é nada, você tem que ficar, porque todo mundo tem". (S1)

"Se não tiver menstruação a mulher pode ficar louca, quem disse foi a monitora". (S2)

Algumas informações parecem ser mais tranquilizantes, mesmo assim denotam uma certa expectativa do sujeito, que ainda não teve a menarca.

"Eu não tô preocupada com a menstruação. A monitora falou que cada coisa tem a sua hora". (S3)

Outra informação que os sujeitos adquiriram, associa a menstruação com o fato da ameaça da mulher em se expor, principalmente ao homem:

"A minha irmã ensinou eu. Ela ensinou que não deve ser relaxada. Daí seu marido vê o Modess". (S2)

As informações que adquiriram advém de várias fontes. Foram mais citadas as monitoras, que praticamente assumem o papel de mãe dos sujeitos. Também foram citadas as suas patroas, com as quais convivem uma parte do dia; as internas, como por exemplo, as que já passaram pela experiência.

Isto vem demonstrar que apesar da diversidade de pessoas das quais os sujeitos recebem informações, a maioria destas

informações circula dentro da própria Instituição. Sendo de várias fontes, muitas vezes as informações não coincidem. Isto pode justificar as suas preocupações diante de um fenômeno que ocorre nos seus corpos e que praticamente não dominam.

c) Vantagens e Desvantagens da Menstruação

O discurso parece ser mais elaborado quando falam das desvantagens da menstruação. Elas estão associadas às crenças de privações e ao incômodo que pode acarretar o próprio Modess, principalmente para as meninas que se iniciam na adolescência, acostumadas a ter maior liberdade de movimentos. As desvantagens, portanto, estão associadas a repressão de certos comportamentos, que já não são aceitos na "mocinha".

"Acho que é ruim prá nadar. Prá correr". (S4)

"Deve ser ruim. Porque não pode correr, não pode brincar, tem que ficar com um negócio debaixo das pernas". (S6)

Percebe-se também que a menstruação enquanto fator de amadurecimento físico, muitas vezes não é acompanhado pelo amadurecimento psicológico da adolescente. A menstruação aparece quando a menina ainda apresenta comportamentos infantis, causando uma certa desarmonia e conseqüentemente um descontentamento por parte dela:

"É ruim usar Modess porque na hora de brincar fica caindo". (S7)

Um sujeito considerou como vantagem, a possibilidade de

procriação:

"Quando ela poder, ela vai ter filho". (S1)

Ou ainda, o "rito" de passagem para se perceber mulher e também a condição de se tornar sadia:

"Ela se sente mulher, não fica doente." (S2)

d) Descrição e Sentimentos sobre a Menarca

A maioria dos sujeitos, apenas descreve as circunstâncias em que ocorreu a primeira menstruação, parecendo não lhe ter dado muita importância. Isto costuma ser o contrário do que acontece com adolescentes com maior conhecimento do fenômeno. Os sujeitos se detiveram apenas na descrição do fato:

"Quando cheguei aqui eu tinha dez anos, aí quando a Terapeuta Ocupacional tava ensinando, aí veio prá mim (...) A Monitora me emprestou Modess". (S1)

"Foi na casa da patroa (...) Eu vim prá cá, daí eu vi (...) Fui procurar a monitora para comprar Modess". (S2)

"Foi na escola. Eu olhei a roupa, tava suja e eu perguntei o que era". (S7)

Quanto aos sentimentos eles se revelam como ameaça, vergonha ou susto.

"E eu chorei". (S1)

"Eu não contei porque as meninas fazem gozação (...) Eu assustei". (S2)

e) Privações. Atitudes e Sentimentos durante o Período Menstrual.

Apesar de apenas metade dos depoimentos terem revelado algum conteúdo a respeito das privações, verifica-se que eles ajudam a associar o período menstrual com uma etapa especial, que exige cuidados especiais relacionados a algumas crenças.

Um fenômeno que antes parecia ser uma coisa natural e que as pessoas informam que faz parte do processo da mulher, depois parece se tornar um fato que deve ser escondido e que a impede de ter uma vida normal.

"Não lavo a cabeça, porque se lavar quando ficar mocinha escorre mais (...) É prá cuidar mais do corpo". (S1)

"Precisa tomar cuidado (...) Não sujar a roupa. Porque é feio (...) Pode acontecer dela por saia e sujar a saia (...) Precisa tomar cuidado mas não precisa tomar muito". (S2)

"Não pode ir na piscina quando eu tô menstruada (...) Não lavo a cabeça". (S5)

"Eu vou me cuidar prá não ficar fedendo". (S7)

Com relação aos sentimentos durante a menstruação houve um depoimento que os expressa como positivos, apesar das dores que sente:

"Eu sinto mais alegre (...) Me sinto mais bonita (...) Ontem quando vinha vindo, subi a avenida 7, tava doendo tudo aqui ni mim, cheguei aqui, ia falar prá monitora eu deitei lá na coisa do galpão; daí começou a doer de novo". (S1)

A menstruação mais uma vez aparece como um fenômeno que deve ser preservado como um segredo da mulher; ela tem a atitude

de esconder das pessoas, desenvolvendo uma certa repressão sobre si:

"Eu não conto prá ninguém, eu escondo. Prá ninguém. Só um dia que eu fiquei, eu contei prá monitora". (S1)

"Eu acho que quando a mulher fica menstruada, se ela quiser ela conta, se ela não quiser ela não é obrigada". (Sg2)

7) Modificações Percebidas do Aparecimento da Menarca

Em todos os depoimentos dos sujeitos que responderam a questão, fica claro que a menstruação passa a ser um marco que determinará a passagem da menina para a condição de mulher.

Também fica demonstrado as limitações que surgirão em decorrência da chegada da menstruação.

A menstruação é diretamente associada com a condição de "ser mocinha" e conseqüentemente com os comportamentos que se espera nesta condição. Um dos referenciais que ajuda a se perceberem mulher, é a mudança que se nota no próprio corpo.

"Agora eu tô mais assim (...) É, eu não era mocinha. Era mocinha de tamanho, agora sô mocinha assim (...) Agora eu sô mocinha até de corpo. Meu corpo tá perfeito, não é? Mais perfeito. Tá mais diferente, tá com outra cara. Fica mais bonita. As muié são mais diferente". (S1)

"Antes eu me portava como uma criança, agora não. Eu sou mais mocinha (...) Mudou a forma do meu corpo". (S2)

"Antigamente quando eu não era, eu era mais assim... bagunceira, arteira, agora não (...) Antigamente quando eu não era, eu abria as pernas tudo, ficava pulando, agora não (...) Virei uma moça". (S3)

g) Sensações Diante da Visualização da Menstruação

As sensações variam desde um certo nojo, até a indiferença, encarando como algo normal.

"Sinto pavor de vê (...) Não gosto de vê (...) Quando eu venho eu troco correndo de calcinha". (S1)

"Não sinto nada (...) Nos outros eu tenho nojo". (S2)

"Não sinto nada quando vejo nas meninas". (S5)

"Falta de higiênica. Eu não vou fazer isso, não (...) Eu não tenho nojo não (...) Eu não ia fazer igual elas. Quando eu ficar mocinha eu vou por o Modess no lixo, lavar a calcinha"... (S4)

h) Crendices

As crendices parecem preencher o lugar de explicações científicas sobre algum fenômeno, e que na realidade, são falsas informações que muitas vezes vão passando de geração para geração e são tidas como verdades.

O depoimento a seguir mostra uma crendice, que parece servir para justificar o fato da menstruação ser um fenômeno exclusivamente do sexo feminino. Além disso, passa a imagem estereotipada da pureza e limpeza da mulher, podendo insinuar atributos contrários para o homem.

Por outro lado, percebe-se que através desta crença está implícita um pouco da evolução da mulher com relação aos costumes durante a menstruação.

"A monitora falou: "Antes de ser nós era eles. Aí depois eles não sabiam cuidar. Deus falou assim: "Melhor passar prá s muié, elas têm mais cabeça vão saber mais". Então né, quando eles ficavam mocinha, eles colocavam a calça no varal, daí quando passava gente falava assim:

"Ih, esse, tem gente com o cabaço aberto". Aí, eles falavam assim, que era mocinha. Eles pinduravam a calça. E a calça era branca e ficava toda manchada, é a Madalena falou assim, que aí elas passaram pás muié. E agora Deus gostou mais, porque as muié tem mais cabeça, sabe cuidá mais que os homens". (S1)

Neste depoimento, verifica-se a mesma crendice, dita de outra maneira:

"A outra monitora falou assim, que naquele tempo, Deus fez a menstruação para os home, mas só que os home não sabia cuidar. Tinha alguns homens que usava roupa branca, deixava escorrer, sujava tudo, andava e não queria nem saber, daí ele viu que as mulheres eram mais limpas, daí ele passou a menstruação prás mulheres. Daí as mulheres ficaram menstruadas. Daí, elas começaram a se cuidar, colocar frauda, pano, frauda com alfinete, sei lá, daí tinha bastante destas fraudas, daí elas lavava, extendia no varal, aí os home falava assim: "Aquele mulher ali tá menstruada". Porque eles via as frauda no varal, porque aquele tempo não jogava. Lavava e guardava, porque não comprava". (S3)

O próximo depoimento, demonstra mais uma vez uma forma de justificar o fenômeno. Ele vem corroborar o mito que coloca a menstruação como um mistério, mas que precisa ser aceito pela mulher.

"Se não tiver menstruação ela pode ficar louca". (S2)

Esta colocação gerou polêmica no grupo, pois para um dos sujeitos ainda não havia vindo a menstruação. A afirmação refletiu sobre a sua situação concreta, e o sujeito contestou, parecendo querer desmistificar o fato:

"Eu não vou ficar louca não. Não sou louca não". (Sg4)
(...) "Nem eu." (Sg6)

1) Motivação para a Vinda da Menstruação

Em dois depoimentos dos sujeitos nos quais ainda não havia ocorrido a menarca, não se revelou o desejo aparente da vinda da menstruação:

"Credo Marina, não tenho vontade de ficar menstruada". (S4)

"Não gostaria de ficar menstruada". (S6)

A reação contra a vinda da menstruação está associada à dor que pode trazer e às privações:

"Depois que eu vi a fulana com dor na barriga, aqui que eu quero ficar ("dar bananas") (...) Daí eu não vou poder correr, brincar, eu hem!" (S6)

4.1.1. Representações sobre a Menstruação

Fica implícito em várias passagens dos discursos, a menstruação como um fato importante na vida da mulher, apesar de estar acompanhada de uma certa dicotomia: se de um lado a menstruação indica o acesso à maternidade, por outro lado, demonstrou ser um peso na sua vida, pois ela implica em dor, sofrimento e incômodo. Isto corroborou os resultados de outras pesquisas encontradas na literatura consultada para esta dissertação.

A falta de informações certas e claras sobre o fenômeno transparece durante todo o discurso. Os sujeitos vão formando sua representação no que está mais próximo de si mesmos, através do que sentem e observam a nível do que acontece com seu corpo e somam ao que ouvem e vêem das outras pessoas. Isto pode contribuir para uma representação distorcida do fenômeno menstruação.

As informações que os sujeitos recebem advém de várias fontes como pode comprovar os depoimentos, talvez por isso se mostraram imprecisas. O esquema institucional é responsável por grande parte das informações diversificadas, em consequência por exemplo: da população heterogênea que convive durante um tempo; cada elemento com costumes diversos e que vão sendo trocados no cotidiano; dos funcionários, com visões de mundo diferentes, ficando muitas vezes temporariamente na instituição; da ideologia divergente entre o pessoal administrativo e pessoal técnico, impedindo que se tenha uma linha mestra na educação destas meninas, de forma que todos os envolvidos possam falar a mesma linguagem.

Algumas informações são explicadas através de crenças. Houve depoimentos que descreveram uma história onde se justifica a menstruação como um componente feminino. Atribuem à Deus a responsabilidade de tal escolha, uma vez que a mulher teria mais condição de suportá-la, principalmente porque é tida como mais limpa. A explicação oculta a reprodução dos papéis sexuais estereotipados. Da mulher, por exemplo, se espera a abnegação, a higiene, a compostura, como se estas características não fossem passíveis de ambos os sexos.

Foi citada outra informação, produto de crenças: a de que a mulher pode ficar louca caso a menstruação não ocorra. A explicação um tanto exagerada, assustou os sujeitos que ainda não vivenciaram o fenômeno, revoltando-se literalmente e com razão, dizendo que não eram loucas. Verificou-se através da literatura, que existem muitas outras crenças para explicar a menstruação. Elas parecem ser proporcionais à falta de domínio que se tem dos

fenômenos da natureza, ou seja, quanto menos se conhece, mais se cria artifícios para explicar. Além disso, existe a dificuldade real que decorre do fato de ser a menstruação um fenômeno interno, onde não se vê o que acontece, e nem se tem controle sobre sua vinda ou seu término.

A maioria dos depoimentos apontou mais desvantagens que vantagens com relação a vinda da menstruação, em consequência das privações e incômodos que observam. Ao nível emocional, a vinda da menstruação significa para os sujeitos o corte da sua infância. Eles parecem incorporar que à partir da menarca, suas atitudes devem mudar, principalmente as que estão relacionadas à expressão corporal ou de seus movimentos. Assim, embora a menstruação seja sinal de um amadurecimento, ocorre primeiramente a nível orgânico, acontecendo com certo atraso a nível psicológico. Nota-se uma certa dissociação: são corpos de mulher em mentes de menina.

Encaram a menstruação como um período anormal, dado também demonstrado em outras pesquisas da literatura consultada. Assim, durante o período menstrual, várias atitudes são modificadas, como por exemplo: eles não vão à piscina, não lavam a cabeça e, como já foi citado, controlam seus movimentos mais espontâneos.

Nem todos os sujeitos demonstraram ter nojo diante da visualização da menstruação, aliás foi uma minoria, o que vem contrariar os dados de algumas pesquisas. Isto deve ser atribuído ao fato de terem um maior contato com o fenômeno, que visualizam desde pequenas, nas outras meninas, pelo fato de viverem coleti-

vamente.

Os sujeitos que ainda não vivenciaram o fenômeno, relataram que não o aguardavam com ansiedade, apesar de no cotidiano demonstrarem o contrário, fazendo perguntas constantes sobre quando virá a sua menstruação.

Estes sujeitos também não identificaram nenhum sintoma pré-menstrual. Isto pode significar que na verdade não se aperceberam disto, ou mesmo que não associam qualquer sintoma que possam ter com a vinda da menstruação. Ainda pode ser que este seja um fator mais guiado pela sugestão.

Finalmente, este período parece ser o que mais leva a adolescente a um encontro consigo mesma. Praticamente ela é obrigada a se voltar mais para si, quando percebe o que pode e o que não pode fazer, o que veste e o que fala. Este reencontro também é observado quando descrevem a percepção da mudança do seu corpo à partir da vinda da menarca. Se por um lado, a menstruação passa a ser um fator positivo, na tomada de consciência de si próprio e de seu próprio corpo, por outro lado é uma etapa especial, que exige cuidados especiais e que sutilmente contribuem para a repressão deste mesmo corpo.

4.2. INTERCURSO SEXUAL

a) Objetivo do Intercurso Sexual

O objetivo do intercuro sexual foi associado principalmente a dois fatores: a procriação e ao amor. Parece que os sujeitos entendem o intercuro como uma forma de demonstração recíproca de carinho e que é permitido para as pessoas que se

gostam, apesar de reconhecerem que o intercursos é também realizado para fins de procriação.

"Porque um sente amor pelo outro. Aí, depois eles dormem juntos, se um ama o outro, aí eles tem vontade de fazer, aí eles fazem".(S1)

"Quando a mulher gosta do homem e os dois se gostam".(S2)

"Porque gostam, tem carinho. Porque se amam. Ninguém faz sem amor (...) É carinho. O homem com a muié é carinho".(S4)

"A mulher não tem relação só prá ter filho. Porque gosta, tem amor pelo marido. O patrão gosta de minha patroa". (S4)

"A relação sexual é para ter filho (...) Prá um gostar do outro".(S6)

"Prá ter nenê (...) Depois que passa a relação tem nenê". (S3)

"Precisa fazer uma relação sexual para formar um nenê. As pessoas fazem relação sexual só prá isso".(S7)

Acha que as pessoas gostam de ter relação: "Porque é bonito". (S3)

A relação sexual une as pessoas (...) "Porque elas ficam mais amigas".(S6)

"Ah. Sei lá. Eu nunca fiz. É carinho."(S4)

b) Sensações Físicas/ Psicológicas

Se de um lado existe a possibilidade de prazer, de outro, está presente a dor. Esta dor está associada não só a condição anatômica do pênis, que pode machucar a mulher, como à

falta de amor. Estas suposições parecem ser reflexo do controle sexual que se estabelece em cima do Intercurso Sexual, que é a idéia de que sem amor o sexo não dá prazer.

"É gostoso (...) Mas que dói um pouco dói (...) Falam assim que quando a relação sexual vai sem carinho dói". (S1)

"Falam que é gostoso (...) Ah, eu acho que vai ser ruim (...) Dói. Alguns dói quando vai tirar". (S3)

"Depende da pessoa". (Sg3)

"Se a gente amar, dá prazer (...) Se os dois amá é gostoso." (S6)

"Se doer grita, se sentir muito tesão, também grita. Agora, se não sentir nada, dá risada, né?". (Sg6)

"Tem gente que grita porque dói, tem gente que grita porque gosta". (Sg2)

"Acha que é ruim, que dói e que pode machucar." (S7)

c) Informações e fontes de informações

As informações chegam aos sujeitos de diversas fontes: desde as monitoras e técnicas que acabam assumindo o papel de educadoras dentro da Instituição, as próprias internas, a televisão, até algumas observações concretas. O que se constata é que, na maioria dos casos, a informação circula dentro da própria Instituição. As informações dizem respeito à maneira como se comportam as pessoas durante o ato e as sensações:

As monitoras e técnicas:

"A monitora disse. Ela falou assim que um dia dela fazer relação dói; no outro dia dela fazer relação sexual não doeu um pouco (...) Não, porque ela fez com todo amor". (S1)

"Você falou assim que o homem põe camisinha, porque tem muié que gosta de fazê". (S4)

A televisão:

"Eu sei como é. Uma vez apareceu na Roda de Fogo (novela)". (S4)

As próprias internas:

"No chuveiro também (...) A fulana de tal (interna) que falou." (S6)

As observações dos sujeitos:

"No chuveiro. Pelo buraquinho da fechadura da porta (...) Quando eu estava na minha casa, um dia né, quando eu era mais pequena, meu pai foi tomar banho com a minha mãe, né. Com a minha mãe, a de criação né, daí tomou banho pelado né, depois minha irmã grande ficou na porta, vão vê o que eles vão fazê. De repente nós vimos. Os dois agarrado." (S6)

d) Papel do Homem e da mulher dentro do Intercurso Sexual

Neste item, observou-se que os sujeitos apresentam muitas contradições em seus depoimentos, ora verbalizam uma coisa, ora outra.

Em alguns trechos os depoimentos revelaram que os sujeitos atribuem ao homem o papel ativo e à mulher o papel passivo dentro do intercuro sexual. É o homem que determina como será o ato, é ele quem começa e quem termina:

"Quem começa é o homem (...) quem para é o homem (...) Para, quando ela tá cansada (...) O homem também fica cansado". (S1)

"O homem vai começar (...) Acaba quando a moça fala que tá doendo o homem sai de cima dela (...) Se está bom o homem fica, a mulher deixa (...) Termina quando o homem estiver cansado (...) Ele vai com a mulher na cama, se beijar (...) Aí, ele faz relação com a mulher". (S3)

"Uma vez apareceu na Roda de Fogo (novela). O Renato em cima e a Lúcia embaixo. Ele tava em cima e ela indo mais prá baixo. O Renato: "Chega mais prá cima" (...) A mulher não deve convidar o homem prá ir prá cama". (S4)

"Quem começa é o homem (...) O homem faz carinho nela". Quem para a relação sexual é o homem. (S5)

"Ele vai em cima dela" (...) Quem começa é o homem. (S6)

O depoimento seguinte, além de afirmar a atividade do homem em contrapartida com a passividade da mulher, revela a possibilidade dela se sentir usada durante o intercuro.

"O papel do homem é aproveitar da mulher (...) é ter relação sexual com a mulher e depois deixar a mulher". (S2)

Nos demais depoimentos aparece a mulher assumindo um papel de destaque dentro do intercuro, e também aparecem ambos, homem e mulher, tendo participação interdependente dentro da relação.

"A mulher é mais carinhosa". (S2)

"Quem começa é o homem né tia. A muié vai começando também (...) Abraça, beija (...) Passa a mão um no outro". (S1)

"Ela não fica quieta, fica se mexendo (...) Ele fica em cima dela, se mexe". (S3)

"Não é só o homem que pode convidar. Muié também. Os dois também tem que esperar. Um tem que convidar o outro". (S4)

"Os dois terminam. Depois de uma hora, uma hora e meia eles termina". (S6)

"Tesão é quando o homem tem vontade de fazer sexo com a mulher (...) A mulher também sente tesão. Os dois sente tesão". (Sg2)

"Tem vez que a muié puxa o homem, tem vez que o home puxa a muié". (Sg6)

O depoimento abaixo demonstrou que a atividade da mulher, dentro do intercuro sexual, é considerada um ato imoral:

"Acho que é o homem que começa. Tem muié que é tarada. A Patativa (personagem de novela). Tem muié que é assanhada (...) Acho que tem muié que gosta de ser assim". (S4)

Dentro do tema intercuro sexual, o estupro ocupa um lugar especial, pois é a realização do ato sem a permissão de um dos parceiros. Um sujeito pareceu ter a noção disso e o diferenciou do intercuro normal. Aqui a mulher é colocada na condição de passiva e o homem na de ativo:

"Estruparam ela, ela não é mulher de rua se ela não quis né, agora, se ela quis é". (Sg6)

Já nesta colocação o sujeito afirma que a mulher que mantém relações sexuais com mais de um homem é tarada, sugerindo a idéia de que a mulher deve pertencer a apenas um homem.

"Mulher tarada eu acho que é aquela mulher que faz com o home, depois faz com outro home; mas não é só mulher que é tarada não, home também". (Sg2)

Já o homem considerado "tarado" não é aquele que mantém relações com várias mulheres, mas o que se masturba:

"Homem tarado é aquele homem lá que bate punheta". (Sg1)

e) **Condição para o Intercurso Sexual**

Neste item observam-se algumas contradições. Os depoentes revelam ter uma falta de parâmetro no que diz respeito às condições em que se pode realizar o ato. As suas representações estão calcadas em credices e preconceitos.

A maioria acredita que o intercuro sexual é legitimado através do casamento, portanto, ele é reservado para a mulher casada.

"Se a mulher solteira não tem marido, não tem ninguém né, como é que ela vai fazer? (...) Não pode nem com o namorado". (S1)

"Tem que primeiro casar depois ter filho". (S2)

"Solteira (...) não, casada pode ter (...) A solteira já não pode (...) Casada é diferente, porque já teve relação uma vez. Casada pode. Não muito". (S3)

"Solteira não pode ter relação. Só casada porque é o certo". (S4)

"Precisa ser casada prá ter relação". (S7)

O depoimento seguinte admite a realização do intercuro sexual na condição de solteira, porém acha que a mulher será prejudicada pela falta do marido, apesar de parecer aceitar o fato.

Pode ter relação sexual solteira. "Acho ruim. Porque ela não vai ter marido ao lado dela, prá ajudar cuidar do filho (...) A diferença é que a solteira vai, mas não vai ter marido e a casada vai ter marido".(S6)

Quando os sujeitos foram questionados sobre manter relações sexuais durante a menstruação e a gravidez, apareceram as crendices.

A maioria acha que a mulher não pode ter relações durante a menstruação.

"Fica aberta, né?! " (S1)

"Quando tá menstruada é diferente, suja tudo"(...) Não teria relação menstruada. (S2)

Dois depoimentos revelam acreditar na possibilidade de manter relações sexuais durante a menstruação:

"Acho que deve ser ruim prô homem (...) Pode ter. Não acontece nada".(S6)

"Pode ter relação menstruada. Não acontece nada." (S7)

"Pode ter relação, só que depois ela ganha um menino (...) Meleca tudo o nenê."(S3)

Com relação ao intercursos sexual durante o período de gravidez, os depoimentos revelaram ser baseados em crendices; alguns associam a aspectos prejudiciais e outros à possibilidade de uma nova concepção:

"Não pode, senão ela sente dor".(S1)

"Não pode, porque machuca o nenê".(S2)

"Se ela tiver grávida? Pode, aí nasce gêmeos (...) Se ela tiver grávida, tira um, depois deixa mais um e sai nenê." (S3)

"Ah, não sei. Se eu tivesse grávida e não tivesse percebido, sim (...) Se o médico não tivesse falado pra mim. Se não, ia sair dois nenês gêmeos". (S4)

"Nasce outro bebê". (S5)

Não pode. "Senão a criança nasce com defeito (...) Vai prejudicar o nenê." (S6)

Alguns depoimentos continuaram demonstrando a associação entre o intercursos sexual e a maternidade. Reafirmam a idéia da atividade sexual dentro do casamento e para a procriação.

"Algumas mãe tem relação." (S2)

"Pode. Ela não operou a barriga (...) Se ela já operou a barriga pode, só que vai ter que descusturar de novo, fazer outra operação (...) porque vai tirar outro nenê. Se ela não quiser ter nenê pode." (S3)

"A minha mãe já fez. Não faz mais, porque ela já teve filho, já. Quem tem filho não faz mais relação." (S4)

f) Intimidade e Intercursos Sexual entre as Mulheres

Com relação a este item, os depoimentos revelaram que existe um certo preconceito contra a intimidade entre as mulheres. A maioria não aceita, pelo menos aparentemente. Em algumas colocações, mostram que não tem conhecimento sobre o assunto e que o intercursos sexual é reservado para os relacionamentos heterossexuais. Mas existem depoimentos que parecem demonstrar o contrário.

"Não dá certo, porque ela é mulher e a outra é mulher, as duas têm vagina, e não dá nada (...) Beijar na boca daí dá (...) Acho feio, tem que ser homem com mulher."(S1)

"Ah, é sapatão (...) acho que é uma coisa feia (...) Algumas fazem porque gostam. Outras por sem-vergonhice. Tem gente que pode fazer por amor."(S2)

"Mulher com mulher? Mas não tem?! (...) Eu acho que elas que uma a outra. É diferente, o homem com a mulher já faz mais complicado (...) A diferença é porque vocês duas, uma passa a mão na outra, se abraça, se beija, agora, o homem não; faz a mesma coisa mas aumenta um pouco mais."(S3)

"Eu gosto da "Voluntária" como irmã (...) A fulana de tal gosta da "voluntária" como homem (...) Mulher que gosta de mulher é taradice (...) Muié com muié não dá (...) Então, muié com muié não dá porque não tem pênis. As duas têm vagina. Tem que ser homem com mulher."(S4)

"Porque é ruim. Não dá certo".(S5)

"Acho que é tarada".(S6) (...) Mulher tarada é aquela mulher lá que quer estrupá a outra. Aquela lá que chupa a outra na hora de dormir". (Sg6)

Um sujeito, quando questionado sobre o intercuroso sexual entre homens, revelou um certo desconhecimento, da mesma forma que no caso feminino:

"Não dá certo também (...) Porque os dois têm pênis e pênis."(S4)

g) Expectativas em relação ao Intercuroso Sexual

Neste item observou-se que todos demonstraram o desejo de um dia virem efetuar uma relação sexual, desde que fosse com amor, com a pessoa que se gostar e se casar. Seus desejos vêm acompanhados de fantasia e alguns com a possibilidade de pro-

criação. Fazem uma certa relação entre intercurso sexual e sentimento.

"Eu desejo fazer (...) Meu desejo é casar com fulano de tal (...) É da Escola. Ele é grande. Se eu casar vai dar certinho. Ele é moreno, eu também sou, ele é magro eu também sou, ele gosta de mim (...) Gostaria de ter relação quando eu crescer (...) Na cama, cheia de flor. Quero que ele me ame bastante. Eu queria tanto ter uma menininha. Vou botar Marcela."(S1)

"Seria com quem eu gostar, né. Seria na cama (...) Na minha cama(...) Será quando eu tiver certeza que eu gosto dele."(S2)

"Porque eu não vou querer. Porque eu não vou querer ter filho, vou querer ser solteira (...) Porque filho só dá trabalho (...) Mesmo se eu não ficar grávida".(S3)

"Se eu gostar de um home. Se eu amá o home, se ele amá eu."(S4)

Foi falado também sobre a duração e frequência do intercurso sexual e percebeu-se que existe uma certa parcinomia dos prazeres associada ao ato sexual.

"Eu acho que tem mulher que é muito assanhada e quer todo dia. Tem mulher, não. Agora tem mulher que é delicadinha, quer guardar um pouco prôs mês que vem, né. Então não faz todo dia."(Sg2)

"Tem gente que faz relação sexual duas vez, né? (...) Quando tá na hora, né tia."(S1)

"Enjoa, porque tem gente que não gosta de fazer muito, tem gente que gosta de fazer só uma vez."(Sg1)

"Depois de uma hora, uma hora e meia, eles termina."(S6)

"Numa semana, está bom fazer uma vez só."(S5)

"Não enjoa. Algumas mulheres enjoa, mas algumas não."

Algumas quer fazer todo dia, algumas que fazê um dia."(S2)

h) Noção de Métodos Anticoncepcionais

O método que mais citaram foi o preservativo de borra-cha. Não se falou a respeito de nenhum método feminino, a não ser muito vagamente sobre a laqueadura de trompas.

"Quem tem filho não faz mais relação (...) Ela operou (...) A minha mãe operou (...) Depende de pessoa, se quiser operar (...) Camisinha é prá não ficar varando (...) Se estoura vai sair tudo. Hoje eu vi aquele elástico (...) O homem usa camisinha porque se não por sai (...) Você falou que o homem põe camisinha porque tem muié que gosta de fazê."(Sg4)

"O homem põe camisinha, não sei o nome de verdade - põe camisinha quando ele quer fazer relação sexual, mas não quer ter filho."(Sg2)

"Eu acho que o homem coloca camisinha, camisão, quer dizer, depende do homem, quando não quer ter filho. Mas também pode ser que ele faça muita coisa, estoure o saquinho e vaza na mulher, depois a mulher, fica grávida (...) Eu acho que camisinha é mais melhor prá entrar (Sg6)(...) Porque é mais lisinha e também entra mais fácil, também, molha mais fácil."(S6)

i) Processo Fisiológico Associado ao Intercurso Sexual

Os depoimentos seguintes falam sobre o processo fisiológico que ocorre no homem, relacionado ao intercuro sexual:

"O líquido branco sai do homem quando ele quizer." (Sg2)

"O líquido branco sai do homem quando o homem sente tesão (...) Tesão é quando o homem tá passando a mão na mulher."(Sg6)

4.2.1. Representações sobre o Intercurso Sexual

No que diz respeito ao objetivo do intercuro sexual, verificaram-se dois principais: o ato, com o objetivo de procriação e como manifestação do amor entre um homem e uma mulher. Alguns depoimentos demonstraram que os sujeitos reconhecem que o intercuro sexual não serve apenas para a procriação e até foi considerado com o sinônimo de belo, representação que normalmente não se espera encontrar em adolescentes, que consideram o intercuro como obsceno. Alguns sujeitos demonstraram ter uma noção ingênua do objetivo do ato, possivelmente em consequência das orientações diversificadas ou ainda insuficientes que estão obtendo durante a socialização. Isto também pode estar relacionado a uma certa repressão que se manifesta, por exemplo, na idéia de que o intercuro sexual tem como meta apenas a reprodução. Esta idéia impede que se associe o intercuro sexual com o prazer. Percebeu-se, também que a medida que as discussões sobre o tema iam se desenrolando, estas questões iam sendo clarificadas.

Quando os sujeitos foram questionados sobre as sensações físicas/psicológicas implicadas no intercuro sexual, o prazer começa a ganhar espaço. Eles reconhecem a sensação agradável, mas ligada com a afetividade; para eles há prazer, se houver sentimento, senão a sensação será de dor. A dor também está associada a anatomia do pênis. Isto pode demonstrar um certo desconhecimento do processo a nível fisiológico que ocorre durante o intercuro e da própria anatomia genital feminina. Outra revelação que se observa em várias passagens do depoimento, é o de o intercuro sexual se restringir apenas a penetração. Eles

parecem ignorar todo o jogo sexual que ocorre durante o ato, o que mais uma vez os ajuda dissociar o intercurso e prazer.

As informações que receberam sobre o intercurso e que decorrem das mesmas fontes citadas durante os outros temas abordados, confirmam a mesma idéia de dor ou prazer. Estas informações apresentam apenas algumas descrições do comportamento das pessoas durante o ato, demonstrando mais uma vez uma representação ingênua, que não ajuda a entender corretamente o fenômeno. As informações também reforçam a reprodução dos papéis sexuais esperados para o homem e a mulher e que é representado durante o ato, pelas atitudes de atividade do homem e de passividade da mulher. Mas, percebe-se que, à medida que este tema ia se desenvolvendo, os sujeitos iam sentindo-se mais à vontade para falar e verificou-se um avanço nas suas idéias, passando alguns a admitir que a mulher tem a mesma condição de participar do ato que o homem. Desta forma, os sujeitos também começam a demonstrar um maior conhecimento sobre o desenrolar do ato.

Apesar dos sujeitos reconhecerem o desempenho da mulher durante o intercurso, percebe-se através de alguns depoimentos que este desempenho é motivo de desvalorização. Aquela mulher que toma a iniciativa e que tem um comportamento ativo é considerada imoral. Esta representação foi formada, segundo um modelo apresentado durante uma famosa novela de televisão, como demonstrou o depoimento, que produziu a imagem de uma mulher que tomava as iniciativas, mas com características vulgares e do tipo insaciável.

Um dos depoimentos vincula o intercurso sexual com a sensação de que a mulher está sendo utilizada pelo homem. Isto

também vem sendo demonstrado na literatura em outras pesquisas com mulheres. Verifica-se que, de uma forma geral, em consequência da própria Educação que a mulher recebe, existe uma tendência a associar o intercurso com o pecado e o obsceno, o que trás reflexos do comportamento da mulher causando uma certa reserva para se entregar ao prazer.

Outra informação à respeito do intercurso, parece reproduzir o ponto de vista da sociedade monogâmica: a mulher deve se relacionar sexualmente com um homem só.

Quanto às condições para a realização do intercurso sexual, duas aparecem com mais frequência: 1) a de que deve ser realizado dentro do casamento; 2) de que está ligado à procriação. Também que, qualquer outra situação na realização do ato, seja, por exemplo, durante a gravidez ou menstruação, de uma forma geral não é bem aceita. O depoimento que demonstra aceitar a realização do intercurso pela mulher solteira, associa-o diretamente com uma gravidez sem o parceiro, parecendo ignorar a contracepção, como um meio que permite uma vida sexual sem a gravidez.

Quanto à realização do ato durante a gravidez, ocorre uma certa confusão, parecendo ser fruto de desinformação. Parece que fica difícil entenderem a possibilidade do intercurso sexual, quando já se tem um bebê em formação. Isto foi considerado perigoso.

Já, sobre o intercurso sexual durante a menstruação, houve uma certa divisão de opiniões; uns sujeitos são categóricos em afirmar que não pode ocorrer, outros parecem ter dúvidas, mas chegam a admitir que não altera o ato.

Sobre o relacionamento sexual entre as mulheres, verificou-se que os sujeitos de uma maneira geral não aceitam, porque consideram anormal. Nota-se que por associarem o intercurso sexual diretamente com a penetração, não conseguem imaginar que o ato implica também em outros comportamentos. Isto vale tanto nas relações entre as mulheres, como entre os homens. Também, qualquer tipo de intimidade entre mulheres, já consideram com conotação sexual. Foi comum aparecer o termo "tarada" para as mulheres que mantêm um relacionamento sexual entre si. Houve apenas um depoimento que demonstrou encarar a possibilidade de um relacionamento sexual entre as mulheres como normal e associando-o com o sentimento.

Esta questão, na prática, é uma das mais polêmicas. É algo que se tenta ocultar, mas que se mostra a toda hora, pois ocorre com muita frequência dentro da Instituição.

Quando questionados sobre suas expectativas com relação ao intercurso sexual, observou-se que todos os sujeitos demonstraram o desejo de vivenciar a experiência. Esta vivência, na maioria dos depoimentos, mais uma vez esteve ligada com o componente afetivo; será quando gostarem e com quem gostarem. Alguns depoimentos especificaram que desejam a concretização do ato dentro do casamento.

Os sujeitos revelaram, quando questionados sobre a duração e a frequência do ato, a ausência de parâmetros para este tipo de representação. A falta de vivência torna difícil imaginarem esta questão e mais uma vez lançam mão da fantasia, juntamente com o conhecimento que adquiriram através de observações e informações, formando a sua representação. Alguns depoimentos

tendem a usar o critério da economia dos prazeres; não tem muita certeza de que sexo enjoa, se fazer muito não significaria "taradice" e assim por diante.

Quando se trata especificamente dos métodos anticoncepcionais, observou-se mais uma vez, que os sujeitos têm pouca informação a respeito. Citaram o preservativo de borracha e não mencionaram nenhum método feminino, a não ser rudimentarmente a laqueadura. Também, pela falta de informações, talvez seja tão comum associarem o intercurso com a gravidez.

Poucos foram os depoimentos que demonstraram entender sobre o processo fisiológico que ocorre durante o intercurso sexual. Apesar disso, houve dois depoimentos que, durante a Entrevista com o grupo, referiram-se ao esperma do homem, que é ativado quando começa seu desejo sexual.

4.3. MATERNIDADE

a) Papel de Mãe

É unânime nos depoimentos os papéis masculinos e femininos estarem bem definidos, como por exemplo, a mulher cuidar da casa e da educação dos filhos, deixando a função de trabalhar fora para o homem. Mas em todas as colocações não se negou a necessidade da mulher trabalhar. Isto vem confirmar que elas parecem ter a consciência da dupla jornada de trabalho que se atribue à mulher: ela pode trabalhar, mas também tem que se responsabilizar pelas atividades domésticas e pela educação dos filhos.

Alguns depoimentos revelam determinada contradição

advinda da idéia de que a mãe tem certos papéis que lhe são atribuídos pela sociedade, existindo, porém, necessidades sócio-econômicas que esbarram nestes papéis, modificando-os, principalmente quando ela precisa trabalhar fora do lar.

"Educar a criança; por na escola; não deixar a criança na rua jogada; dar banho na criança; se precisar, bater (...) A mãe trabalha em casa, o pai não (...) Acho que a mãe deve trabalhar fora (...) O contrário: o pai fica em casa cuidando do filho, e a mãe sai prá trabalhar, não dá certo, porque a mulher tem mais jeito. A mulher entende mais de criança que o homem."(S2)

"A mãe também põe dinheiro em casa. Acho que a mãe deve trabalhar (...) A mãe lava a roupa da criança (...) O certo de lavar a roupa é a mãe, a avó".(S5)

"Amiga, carinhosa, cuidar dos seus filhos... Fazer comida prá eles, limpar a casa, os filhos também ajudar, só (...) Lavar a roupa, só a mãe faz, fazer comida... O pai ajuda também fazer comida."(S3)

"A mãe deve trabalhar para ajudar os filhos (...) Lavar a roupa, passar a roupa. Dá educação pró filho, batê no filho."(S6)

b) Papel de Pai

Os depoimentos que falam sobre o papel de pai, confirmam o que já se observou nos papéis de mãe, ou seja, a divisão de tarefas entre os dois sexos, com funções definidas:

"Quem põe dinheiro em casa é o pai".(S2)

"O pai tem que ser trabalhador, não brigar com a mãe, nem a mãe com o pai, respeitar quando os filhos estiverem perto, os filhos também (...) O pai põe mais na casa, o pai é mais bravo, alguns."(S3)

"Não cozinha, só quando precisa (...) Não lava a roupa. A muié que lava (...) Põe dinheiro em casa (...) O pai

não lava a roupa da criança."(S5)

"O pai trabalha (...) O pai não lava e passa a roupa."(S6)

"A obrigação do pai é trabalhar."(S7)

Algumas colocações já esboçam a idéia de complementaridade de trabalho entre os sexos, principalmente dentro dos papéis de pai e mãe:

"Quando a mulher tem nenê, quem fica com o filho são os dois."(Sg2)

"A mãe, o pai, o filho, ajudam a lavar a roupa de casa."(Sg3)

"O pai pode ajudar a lavar a roupa também e a fazer café."(S2)

"O pai deve ajudar a mulher. A função do pai é ajudar a mãe."(S5)

"Dá educação prô filho (...) Também bate (...) Os dois dão carinho. O homem ajuda a lavar prato, meu patrão ajuda. Ajuda a cuidar dos filhos."(S6)

Estas colocações demonstram que embora os sujeitos vejam que, na prática, os papéis são mais ou menos definidos, percebem que ambos, homem e mulher, na realidade não assumem as mesmas funções.

"Nunca vi homem lavar roupa. Eu já vi a mulher lavar roupa."(Sg6)

"Não vi nenhum homem lavar a roupa."(Sg5)

"Já vi o Neto (filho da patroa) lavar a blusa dele."(Sg1)

"Eu acho que o homem também tem que lavar roupa, porque se a mulher larga dele não ia ter quem lava a roupa prá ele."(Sg2)

"Tem a empregada (...) Se não tem, manda a mãe."(Sg6)

O depoimento seguinte coloca a questão da diferença dos papéis sexuais apenas na parte anatômica. A partir de um dado real, o sujeito parece derrubar as outras diferenças que a sociedade impõe.

"A diferença do pai e da mãe é o pinto (...) Não tem diferença o pai e a mãe."(S6)

Neste depoimento, o sujeito expressa o que valoriza um homem que seria o pai de seus filhos:

"Eu escolheria um marido prá ter um filho (...) Teria que ser bom, honesto, trabalhador (...) Não precisa ser bonito, ele pode ser feio também."(S2)

c) **Motivação Para a Maternidade**

Nos depoimentos pode-se perceber uma certa ambivalência quanto ao desejo de ser mãe, ora mostram que querem, ora que não querem. Associam a maternidade diretamente com o casamento. Em alguns depoimentos o mesmo sujeito que disse não querer ter filhos, em outro momento se contradiz falando sobre filhos. A maioria é categórica em afirmar o desejo da maternidade.

"Que horror, eu não gostaria de ser mãe; ah, desse tamanho (...) Ah, bom, quando eu crescer, quero ter um filho só. Ai, eu vejo a minha patroa (...) Dão trabalho."(1)

"Nao vou querer ter filho (...) Porque filho só dá trabalho também (...) Agrada a mãe, faz ela ficar feliz (...) Acho que não vou ser mãe (...) Porque não vou querer casar."(S2)

"Eu não vou querer ser mãe. Só quando eu tiver grande. Não, primeiro eu vou ter que namorar, ficar noiva (...) depois tem que dar um beijo, ficar noiva, esperar um filho. Depois casar. Depois vai prá lua de mel."(S4)

"Sim, eu gostaria de ser mãe."(S5)

"Tem hora que eu não tenho vontade de ser mãe."(S6)

As ambivalências do desejo de ser mãe deixam de existir quando os sujeitos expressam a quantidade de filhos que desejariam ter; percebe-se que a maioria opta pelo sexo feminino, uns em vista da aparência mais bonita que atribuem à menina, outros porque reproduzem os papéis tradicionais da mulher, como por exemplo poder ajudar a mãe.

"Eu queria menina (...) Ah, não sei. Porque eu gosto mais, porque é mais bonitinha, arruma mais".(S4)

"Eu também acho menina. Porque menina quando cresce ajuda a mãe. Agora, menino não. Menino só brinca, às vezes ajuda, não sempre, né."(S3)

"Prá mim não tem importância, se é menino ou menina. Importa eu tê meu filho e boa".(S2)

"Eu prefiro menina, porque menina quando cresce, ela já dá uma mão prá ajudar a mãe. O menino ajuda o pai."(S5)

"Eu quero menina (...) Porque menina dá prá arrumar mais."(S7)

"Eu quero menino. Olha que horror! Ele vai chamar Marcelino."(S1)

O depoimento deste sujeito, mostra o mesmo conformismo que se observa em muitas mães que encaram a maternidade como um fato realizado por vontade de Deus:

"Prá mim não interessa se for menino ou menina, interessa o que Deus mandar prá mim, o que Deus vai mandar. É isso que interessa."(S1)

Quanto à mulher poder optar por não ter filhos, as opiniões variam, somente um depoente demonstrou aceitar:

"A mulher que não quer ter filho? Acho que não gosta (...) Se ela não quer, não vai ter forçado."(S3)

Outras opiniões demonstram que os sujeitos resistem à idéia da mulher não querer ser mãe, uma vez que eles demonstram um forte desejo de ser.

"Acho que toda mulher deve ter filho (...) Porque a mãe, o pai dela, com o nenê forma uma família também."(S4)

"Acho que a mulher devia tentar ".(S2)

O depoimento a seguir dá a idéia de que a maternidade é uma forma de segurar, ou garantir o casamento:

"Acho ruim, a mulher que não quer ter filho. Porque talvez ela não tava bem com o marido dela, e ela podia ter o filho."(S5)

"Quando a pessoa que ela tá não gosta dela, tem que falar prá ele que é uma filha que ela quer, então ele gosta. Assim ela não fica sozinha."(S2)

d) Expectativas do Próprio Papel de Mãe

Os depoimentos revelam a idealização de uma mãe perfeita, apesar de certas ambivalências.

"Vou ser uma mãe educada (...) Eu sou que nem a minha patroa (...) Eu vou ser boa. Um dia eu falei assim que vou matar meu filho."

"Seria mãe boazinha. Deixava ele (o filho) brincar (...) Eu ia educar certinho (...) Levava na escola."(S5)

"Seria legal, boa, compreender meus filhos."(S3)

O depoimento abaixo relaciona o fato de ser mãe com o trabalho fora do lar, dando a idéia de que esta é a realidade da mãe atual.

"Se um dia eu for mãe, eu vou trabalhar".(S1)

e) Significado da Mãe Solteira

As opiniões são variadas sobre a mãe solteira. Uns depoimentos demonstram aceitar, outros não. Dentre estes, os que aceitam:

"Acho que pode ter filho sozinha."(S1)

"A mãe solteira tem o mesmo valor de uma mãe que é casada, só que é separada do marido."(S3)

O sujeito No.2 demonstrou uma certa confusão nesta questão, ora aprova, ora desaprova e condena a mãe solteira. Suas idéias parecem se basear no que ouve das pessoas. Mas quando começa a refletir percebe que a idéia passada pela sociedade não é real para ele:

"É mulher de rua. Tem que primeiro casar depois ter filho (...). A sociedade não aceita uma mulher que é mãe mas não casou (...). Mulher de rua é a que não presta (...). Se a mulher gosta de homem não tem problema se casar ou não casar (...). Já ouvi na rua, aqui dentro mesmo eu já ouvi, que mãe solteira é mulher de rua (...). Não é bem assim que eu acho. Eu acho assim, a mulher não casou ainda, aí o homem faz filho com ela e aí deixou ela no mundo aí. Não, a mulher que fez com o homem para ganhar dinheiro. Aí, é mulher de rua."(S2)

O depoimento seguinte dá a idéia de que se a mulher foi obrigada a manter uma relação não é mulher que prostituiu-se, a que deu a permissão para o intercuro é considerada mulher prostituida.

"É que estruparam ela né. Estruparam ela, ela não é mulher de rua se ela não qué né, agora, se ela quis ela é."(S7)

Alguns discursos esbarram na questão da paternidade não assumida, condenando-a:

"O cara que engravidou e não quis casar: Acho um canalha devia casar com a moça."(Sg2)

"Acho que o cara que não casou com a moça é um canalha, um vagal."(Sg6)

f) Maternidade através da Adoção e Valores Relacionados

A maioria dos depoimentos demonstram o desejo de adotar uma criança caso tivesse condições financeiras ou não pudesse tê-la por algum problema orgânico. Estes depoimentos suscitam um pouco da própria história de abandono:

"Se eu teria condições eu adotava um filho."(S2)

"Ah, se der certo posso até adotar. Só que daí eu contaria tudo o que aconteceu com a mãe dela, com o pai."(S3)

"Se eu não puder ter filho vou adotar."(S4)

"Se a criança tivesse na rua eu pegaria prá cuidar, até achar a mãe (...) Adotar é pegar um filho prá criar. Que tá no meio da rua. Eu adotaria (...) uma menina."(S5)

"Se não puder ser mãe adotaria."(S5)

"Adotaria uma criança. Pegava prá criar como filho."(S7)

A maioria dos sujeitos atribui mais valor à mãe verdadeira, em comparação com a mãe que adota uma criança:

"A mãe que tem criança tem mais valor, não a que adotou, não foi?(...) A mãe verdadeira tem mais valor."(S1)

"O filho que sai da gente, a gente tem mais carinho com ele, agora o que a gente adota não, é diferente."(S3)

"A mãe que tem mais valor é a que teve o filho da barriga."(5)

Este depoimento valoriza a mãe que adota um filho:

"A mãe que tem valor é aquela que cria."(S3)

Embora este mesmo depoimento revele a valorização da mãe verdadeira diante de sua experiência de vida, reconhece o valor das pessoas que o criaram:

"É como se fosse minha mãe a monitora. E eu tenho a minha mãe (...) Tem mais valor a monitora, porque ela que tá criando eu, e minha mãe não, ela tá em São Paulo, mas também tem valor, porque ela me criou quando eu era pequena."(S3)

g) Sentimentos e Comentários em Relação à Prócria

Mãe

Os sentimentos manifestados nos depoimentos são variados, existe a saudade, amor, tristeza, revolta e um pouco de indiferença, principalmente por parte daqueles que não conheceram a mãe:

"Eu tenho saudade da minha mãe."(S1)

"Eu choro quando tô com saudade de minha mãe (...) Eu sentia dó da minha mãe (...)Eu gosto dela ."(S2)

"O que eu sinto pela minha mãe é: eu sinto amor, eu amo a minha mãe. Não troco minha mãe por ninguém."(Sg2)

"O que eu penso dela? Gosto como mãe."(S3)

"Ah! Eu gosto dela. Igual a patroa. Igual a fulana de tal (filha da patroa)."(S4)

"O que eu sinto pela minha mãe é: bom eu não conheci ela né! Mas lá dentro do meu coração, tem um lugarzinho prá ela."(Sg6)

Quanto às lembranças da mãe, os depoimentos revelaram muita tristeza, pobreza e uma convivência cheia de conflitos que parecem justificar as consequências do abandono.

O depoimento seguinte, é um exemplo disso; ele também revela defesas para justificar sua condição de abandono; chega a ser até duvidoso. Em alguns trechos a realidade parece confundir-se com a fantasia:

"Sabe, um dia só de falar na família eu choro, um dia a tia chorou junto comigo. Eu não queria contar, mas pediram prá contar. Uma moça da Febem, pediu prá contar. Eu tinha dez anos, eu chorava, a psicóloga chorava

também. Foi assim: eu tinha nove anos e fui fazer compra com ela (a mãe) né. Aí eu fui na feira, a moça pegou foi começar a fazer compra (...) Enquanto ela fez a compra, aí acabou a feira, aí ela foi embora. Comprou tudo e foi embora. Aí ela esqueceu eu na feira, todo mundo olhou assim, já sabia que eu estava perdida (...) E a tia falou assim que na hora que eu fui perdida e fui prá Febem uma vez só, três veiz minha mãe ela foi me visitar."(S1)

O abandono pela mãe é justificado pela morte:

"Depois minha mãe pegou um trem, o carro passou, o trem passou em cima dela (...) Minha mãe tinha 42 e meu pai anos."(S1)

A comparação entre ter tudo no lar e sua condição de institucionalizada:

"Ela falou (a psicóloga) que eu tinha tudo, quando eu queria minha mãe me dava. Um dia, minha mãe me deu um vestido, então fui na escola com ele. Minha mãe disse: "Você não irá com o vestido", então eu fui prá escola com ele (...) Aí minha mãe comprou um presente lindo e deu prá mim, né. Ela deu um óculos de sol prá mim. A tia falou assim, que eu tinha tudo que eu queria, tia!"(S1)

A relação entre o pai e a mãe sempre aparece. Ela vem acompanhada do fantasma da separação e dos conflitos que afetaram o sujeito:

"Sabe que quando minha mãe separou do meu pai ela ficou triste (...) Um dia foi verdade, quando minha mãe gritou com meu pai, meu pai queria bater na minha mãe. Aí eu fiquei com medo, peguei e risquei um palito de fósforo e liguei um boião e taquei fogo na casa e saí prá rua. "Não tinha sido eu", falei prá minha mãe que não tinha sido eu (...) Um dia meu pai...ele se separou da minha mãe e ninguém quis contar prá mim, né (...) E dessa vez minha mãe descobriu, porque eu tava com cheiro de fogo. Ela falou: "Foi você que tacou fogo na colcha"(...) "Tá bom, você não vai apanhar não, porque você não tem culpa(...) eu fiz isso prá salvar minha mãe, porque meu pai queria matar minha mãe".(S1)

No depoimento seguinte, percebe-se também que as lembranças estão associadas à desestruturação familiar. Além disso, a mãe é colocada como a vítima da situação. A saudade também está presente:

"Minha mãe era doente. Não sei o que tinha. Ela tava na cama. Eu era pequena (...) Ela me tratava bem. O meu pai batia em mim (...) minha mãe ficava brava, não era prá gente, chorava de dor, as vezes ele ficava com raiva (...) Eu sentia dó da minha mãe. Ela veio aqui só duas vezes (...) Não veio mais porque mora longe, em Minas. Acho que vou ver ela (...) Depende das condições financeiras."(S2)

No próximo depoimento, mais uma vez aparece a lembrança da separação dos pais, a pouca convivência que teve com a mãe, interrompida pela sua internação.

"Meus pais eram casados. Eles separaram (...) Ah, eu não conheci a minha mãe direito. Eu não lembro né, eu ainda era pequena (...) Eu era do tamanho de fulana de tal. Daí eu fui prá colégio. Só que antes disso, quando eu era pequena eu fiquei com a minha mãe no hospital (...) Eu tinha doença, não sei o que é. Eu fiquei internada. Daí que eles se separaram, eu saí do hospital, daí fui prá colégio."(S3)

Neste depoimento, o sujeito ao ser questionado sobre as lembranças de sua mãe, cita apenas um fato material, e não aparece nenhum sentimento:

"Minha mãe me deu um tênis no Natal."(S4)

As lembranças deste sujeito estão relacionados a fatos do cotidiano de um lar. Mostra a figura de mãe assumindo o papel convencional dentro da família:

"Quem acordava os filhos era a mãe. Ela falava: "Tá na hora de acordar". Se a gente não acordava ela tirava o cobertor."(S5)

Lembranças de fatalidades e o encontro com a mãe:

"Uma irmã nasceu e morreu. Outra morreu atropelada. Só lembro que uma feiticeira me pegou. Na hora que minha mãe foi acudir minha irmã ela me pegou. Ai depois, quando eu tava andando na rua eu encontrei minha mãe, ela tava procurando eu."(S5)

4.3.1. Representações sobre a Maternidade

A análise dos discursos sobre os papéis de mãe e pai confirmou o que vem sendo revelado em outras pesquisas, ou seja, a constatação de funções determinadas e diferentes para ambos os sexos. No geral, a mãe é responsável pelo cuidar dos filhos e por todas as atividades relacionadas à casa e o pai é o que trabalha fora do lar. O carinho está relacionado à mãe e a autoridade ao pai. No decorrer da análise verifica-se que os sujeitos admitem a importância da mãe trabalhar, devido às necessidades econômicas. Isto também pode estar relacionado ao fato de que a maioria dos modelos que os sujeitos tiveram na sua socialização foi de mães que trabalhavam fora. Além disso, eles aprendem desde cedo na Instituição, que precisam trabalhar para seu próprio sustento, já que quase tudo é conseguido através de algum trabalho. Nas colocações transparecem resquícios da sua história de vida. Exemplo disso, é o relato que diz que o pai não deve brigar com a mãe e deve respeitar os filhos quando estes estiverem perto.

Quanto a motivação para ter filhos, os depoimentos revelaram uma certa ambivalência, ora os sujeitos desejam, ora

não desejam. Esta ambivalência deve ser fruto da própria experiência destes sujeitos como filhos que tiveram que ser separados dos seus pais, e que para muitos revelou ter sido frustrante. Apesar disso, reconhecem a satisfação de poder gerá-los.

Quando questionados sobre a hipótese de escolherem o sexo dos seus filhos, a maioria preferiu o feminino. Isto esteve relacionado ao fato da menina ser considerada mais bonita e também ao fato de poder ajudar a mãe, já que o menino é aquele que vive brincando. Esta análise demonstra mais uma vez indicações da reprodução dos papéis convencionais da mulher.

Alguns depoimentos atribuíram à procriação uma forma de manter o casamento; idéia mais ou menos comum entre mulheres, de que são os filhos que unem os casais, muitas vezes sendo usados para isso.

Esboçam a idéia de que a maternidade pode ser uma escolha e não uma obrigação para a mulher, o que demonstra um avanço no meio de questões que mostraram estereótipos da mulher.

Os sujeitos parecem ter uma expectativa alta, quando se vêem na função de mãe. Idealizam um modelo talvez diferente do modelo da sua mãe verdadeira. A representação que fazem de mãe é sempre de alguém muito acolhedora, que pode transmitir paz e segurança, pelo menos é o que gostariam de ser.

Com relação a questão da mãe solteira, as representações são variadas, alguns sujeitos demonstraram aceitar, outros não. Quando analisadas as representações que condenam a mãe solteira, verificou-se que os argumentos estão baseados em valores que a sociedade está reproduzindo para os sujeitos. Por exemplo: eles associam a mãe solteira ao tabu da relação sexual

fora do casamento. Também consideram a idéia de que a mãe solteira não presta, é uma "mulher de rua," ou seja, é tida como uma pessoa de caráter imoral. Mas o que se observa também é que quando começam a refletir sobre a questão, os mesmos sujeitos percebem que a sociedade que não a aceita, porque ela não se casou, mas reconhecem que ela tem valor como pessoa.

Em relação a esta mesma questão, alguns sujeitos começam a reconhecer a paternidade não assumida e parecem cobrar da sociedade uma maior responsabilidade. A literatura também demonstrou que começa haver uma grande pressão para que o pai assuma a paternidade.

Sobre a questão da adoção, observou-se que a maioria exprime o desejo de adotar uma criança, caso não pudesse tê-la e desde que tivesse condições financeiras para tanto. Esta questão faz parte do dia a dia da Instituição, as internas convivem com esta problemática, pois a adoção acontece para a maioria delas se não de uma forma direta, de uma forma indireta. Porém, quando questionadas sobre o valor da mãe, consideraram a que procriou como a mais importante. Em várias passagens a figura da mãe aparece como um elemento marcante, apesar de algumas nem terem conhecido a própria mãe. Apenas um depoimento não diferenciou o valor entre a mãe adotiva (no caso, as monitoras que assumem o papel de mãe) e a própria mãe, admitindo que ambas desempenham um papel importante na sua vida.

Fator importante para a formação da representação da maternidade é a relação do sujeito com a própria mãe. Através da análise dos sentimentos que estavam presentes nesta relação, notou-se que existe uma diferença do grupo de sujeitos que conhe-

ceu a mãe e o grupo de sujeitos que não conheceu ou que conviveu pouco com suas mães. O grupo de sujeitos que conviveu com a mãe, expressou sentimentos de saudade e tristeza e o grupo que não conviveu expressou uma certa indiferença.

Num dos discursos a figura da mãe se revelou tão importante, que na sua ausência o sujeito tenta justificá-la com fantasias. Isto foi verificado quando se comparou a sua história com a história que se encontrou no seu prontuário e verificou-se que ele distorceu a realidade. O mais interessante é que para conviver com a realidade do abandono, mata a mãe no seu discurso ("O trem passou em cima dela"). Vê-se que assim fica justificada a sua ausência definitiva.

As lembranças da mãe, vêm sempre acompanhadas de muita pobreza e mostram a desestruturação familiar que presenciaram. A angústia da separação entre os pais também está presente no discurso dos depoentes. Relataram fatos onde descrevem a mãe desempenhando os papéis tradicionais; aparecem como vítimas, seja do marido, seja de outras circunstâncias, como doença por exemplo.

No dia a dia da Instituição, e mesmo nos depoimentos, percebeu-se como é poderosa a relação mãe e filha, mesmo que esta não ocorra de fato. A representação de mãe é muito presente, o tempo todo. Em nenhum momento elas atribuem alguma culpa à mãe por terem sido abandonadas e nem relataram coisas desagradáveis que aconteceram nas suas relações.

CAPÍTULO V

5. CONCLUSÕES

A análise do fenômeno menstruação veio demonstrar seu significado principal de corte da infância, para a entrada no mundo adulto. Começa principalmente a partir daí uma aprendizagem para o tornar-se mulher. Verificou-se que este processo vem acompanhado de muita resistência por parte de alguns sujeitos, uma vez que este corte com a infância significa maiores responsabilidades, controle de atitudes e da liberdade corporal. Isto, de uma certa forma, pode levar a consequências que comprometem a sua sexualidade. São meninas que, na sua história de vida, já têm carência de contatos corporais, estes tão importantes em todo o processo de desenvolvimento sexual. Quando chegam à adolescência, exercem maior controle sobre si mesmas, através de restrições diretas ao corpo.

Por outro lado, a menstruação parece possibilitar para estas meninas, um encontro consigo mesmas. Isto passa a ser muito importante, num contexto onde pouco se vê espaço para o desenvolvimento da Identidade, pois tudo é mais ou menos uniforme. Com a vinda da menstruação começam a se perceber diferentes. Apesar das privações, observam seus corpos, se cuidam, se arrumam.

Outro fator importante que se observou durante os relatos é que estão muito distantes de compreenderem o que está acontecendo internamente durante a menstruação. Pela análise das informações que receberam, elas têm apenas visões das pessoas mais próximas, e que são baseadas em credices ou informações

errôneas, carregadas de tabus e preconceitos. Isto auxilia a não encararem a menstruação mais naturalmente.

Foi interessante constatar também que a Síndrome da Tensão Pré-Menstrual, tão comum na grande maioria das mulheres - como demonstraram algumas pesquisas na literatura concernente ao tema - não foi identificada por estas meninas. Isto pode ser um dos resultados da falta de percepção do próprio corpo, em relação aos sinais que ele continuamente está emitindo. Estes sujeitos parecem desenvolver outros tipos de percepções, mais objetivas que subjetivas. Por outro lado, é possível que as pessoas mais esclarecidas, que têm conhecimentos destes sintomas e da própria menstruação, somatizem-nos.

O tema menstruação pareceu ser o que mais estabelece controle sobre o comportamento dos sujeitos. A partir da menstruação é que vão sendo estabelecidas as regras do comportamento sexual futuro. Foi também o tema com que mais se familiarizaram, tanto as que já vivenciaram o fenômeno, quanto as que não vivenciaram ainda, mas que, pelas circunstâncias, convivem com ele.

Com relação ao intercursos sexual, num nível mais superficial, representa para os sujeitos, não só o meio para a procriação, como também a manifestação de amor entre um homem e uma mulher. Num nível mais profundo, o afetivo apareceu acima do prazer, numa relação que envolve o sexual, submetida às normas sociais.

Um dos modelos que estão construindo é o da mulher como passiva na relação e o homem como ativo, o que não é de se surpreender, pois este modelo aparece em outros níveis de relacionamento entre os sexos. O medo da mulher de se entregar ao

prazer e de ser utilizada pelo homem também se revelou. As condições diante da realização do intercurso compuseram um outro modelo: sexo no casamento; para procriar; perigoso na gravidez; na menstruação desagradável; entre mulheres não pode existir. Este modelo restritivo da sexualidade serve de controle camuflado para a repressão do prazer. O intercurso é permitido só que sob certas condições: dentro do casamento, nas relações heterossexuais e monogâmicas, para a procriação e conforme as disposições do corpo. Como demonstrou a literatura pesquisada, um dos caminhos para o controle da sexualidade é o de criar modelos, que sutilmente vão reduzindo as formas de prazer. Vê-se que as principais regras a nível sexual, são criadas a partir do intercurso sexual.

A representação que os depoentes demonstraram ter sobre as relações entre as mulheres é bem distante do que acontece nas suas realidades. Os sujeitos parecem rejeitarem a idéia, que na verdade faz parte da iniciação sexual de muitos deles, pela falta de opção e carência. O medo da reprovação pareceu estar interferindo na revelação da representação que realmente acreditam, então, é preferível disfarçar a situação, aliás medida muito comum em tudo que diz respeito à sexo: todo mundo sabe, faz, mas não se fala. Então eles acabam entrando numa dissimulação das representações. Sem dizer que eles são reprimidos por algum comportamento desse tipo, quando não de uma forma direta, indiretamente.

Percebeu-se que a pouca noção dos métodos anticoncepcionais pode ter ajudado na associação do intercurso

com a gravidez ou a procriação. Demonstraram também, não terem noção das zonas erógenas do corpo, o que provavelmente os levou a identificar o intercuro sexual, imediatamente, com penetração. A ausência de informações básicas, sobre a anatomia e a fisiologia dos aparelhos sexuais feminino e masculino, parece ter contribuído para a falta de entendimento dos potenciais que pode apresentar o seu próprio corpo.

Quando relatam que o intercuro sexual representa também a dor, é de se supor que todo o tempo de repressão que sofrem, e toda a falta de informação, possam realmente tornar o sexo para eles uma experiência dolorosa.

Este tema foi o que mais pareceu ter interesse para os sujeitos no seu dia a dia, o que eles têm mais curiosidade em saber. Os palavrões são relacionados ao intercuro, e todas as brincadeiras encaradas como libidinosas têm sempre a conotação de intercuro.

A análise do tema Maternidade leva a concluir que os sujeitos através dele representam o retorno à sua história e à necessidade de não repetir a condição de abandono. Isto é verificado quando idealizam um modelo de mãe perfeita, que não tem nada a ver com o modelo que tiveram da própria mãe: pobre, doente, trabalhadora e vítima do marido. Assim, parece que existe uma necessidade implícita de não repetirem a sua história, e mais do que isso, reescreverem através da esperança que expressam no modelo de vida que buscam: ser uma mãe trabalhadora, boa, carinhosa, que cuida dos filhos e da casa, e de ter um marido que a respeite e que a ajude.

A reprodução dos papéis sexuais também aparece neste

item, quando são analisados como vêm os papéis de mãe e pai. Aparece nitidamente a divisão de funções que, no geral, obedece ao que é imposto pela cultura. Reconhecem, porém, que a mãe que cuida da casa e dos filhos, também deve trabalhar. Alguns depoimentos até admitiram a contribuição do marido nas funções domésticas. A maternidade já começa a ser encarada como uma escolha para a mulher e não uma obrigação. Houve até a denúncia da paternidade não assumida. Em compensação ainda há resistência em aceitar a maternidade fora do casamento, apesar de reconhecerem que é a sociedade que não aceita a condição de mãe solteira. Também foi citado que a Maternidade pode ser um motivo para salvar o Casamento, idéia que aliás é muito reproduzida na sociedade, mas que esconde, por exemplo, dados reais, como o grande número de separações de casais com filhos, mesmo durante a gravidez da mulher.

O que fica claro também, é que a relação mãe e filha é muito poderosa para estes sujeitos. Apesar do abandono e dos maus tratos que lhes foram dispensados, a mãe verdadeira ainda é a mulher que tem mais valor. A figura da mãe é insubstituível. No dia a dia, até os sujeitos que não conviveram com a mãe, expressam o desejo de reencontrá-la, mesmo que seja de uma forma mágica, como pelo programa de Silvio Santos, ou por intermédio do rádio. E apesar do temor latente destes sujeitos, ainda permanece o desejo de terem filhos. Aliás, no cotidiano, observa-se, que as meninas da Instituição têm um forte apego às crianças, entre as quais incluem-se os sujeitos que apresentaram um ótimo desempenho na função de babás.

Finalmente, quando se tem como proposta responder o que afinal estes temas estão revelando sobre a questão da sexualidade que está sendo construída por estes sujeitos, é preciso retomar o contexto.

Uma breve reflexão sobre o tipo de adolescente a que se refere esta análise poderá ser um bom início. Está se falando da adolescente, que institucionalizada, encontra uma série de limitações que privam-na de ter uma adolescência dentro dos padrões determinados pela cultura (como se observa em adolescentes que não são de Instituição). O controle exercido sobre ela é muito mais severo, em todos os sentidos. Por exemplo: esta menina nunca sai sozinha nas suas horas de lazer; ela tem horários rigorosos e quando sai à noite retorna para a Instituição por volta das vinte e duas horas; ela dificilmente tem oportunidade para namorar; é estigmatizada por ser institucionalizada, tendo seu círculo de amizades fora da Instituição muito reduzido. Ela não tem uma estrutura familiar normal, a figura da mãe, que tanto é valorizada pela sociedade, e que tem o papel de transmissora de valores, é ausente. Ela não tem um banheiro privativo (que aliás não tem portas, quando têm, não tem trincos), seu quarto é dividido com outras garotas; muitas de suas roupas já foram de outros. Ela dificilmente está sozinha; tem muitas pessoas responsáveis por ela, mas ao mesmo tempo não pode contar com ninguém. Ela tem ainda muito de criança: brinca, corre, pula, dança; mas tem responsabilidades de adulto: cuida da sua própria roupa, limpa seu próprio espaço, aprende um ofício, compra seus pertences com o próprio dinheiro, resultante de seus trabalhos. Estas são algumas das principais características da adolescência dos sujei-

tos da pesquisa, e é a partir destas contingências que vão sendo construídas suas representações.

Como não poderia deixar de acontecer, o discurso destes sujeitos reflete a Educação reproduzida pela Instituição e que se mostra como repressora, na medida em que controla seus comportamentos, através das limitações que impõe, das informações insuficientes que reproduz e da omissão de algumas verdades. A vida coletiva, as informações insuficientes, o controle do corpo, cujas consequências transpareceram na análise dos três temas, parece dar origem a uma repressão sexual, implicando numa percepção de prazer que dificultará um melhor conhecimento do próprio corpo. Desta forma, a sexualidade que está sendo formada torna-se deficiente em face das distorções perceptivas de si mesmo e dos outros.

A título de ilustração, os efeitos de tal repressão podem ser observados no seguinte exemplo, qual seja, o costume que as meninas, de forma uma geral, parecem trazer de outras Instituições que frequentavam anteriormente, (na maioria dos casos nas Unidades de Triagem da FEBEM) de tomarem banho de calcinha, dizendo ter vergonha de serem observadas pelas outras. Além do medo implícito do contato entre as próprias meninas, está sendo construída a representação das partes sexuais como diferenciadas do resto do corpo. Esta idéia contribui para a vergonha do próprio sexo, diferente da representação comumente construída para o homem, onde seu sexo é considerado como motivo de orgulho.

Em relação ao conhecimento que os sujeitos vêm recebendo, ao longo da sua socialização, teme-se que a formação da sua

Identidade esteja sendo ameaçada, pois existe uma variedade grande de informações, surgidas de diversas pessoas com as quais convivem, dificultando parâmetros mais seguros na escolha do que se quer para si mesmo. Além do que, estas informações são contraditórias oriundas que são de realidades diferentes. Observa-se isso, principalmente, comparando-se a Instituição, com a casa de família na qual trabalha, com costumes e rotinas bem diversas, chocando-se muitas vezes com a sua própria.

Por outro lado, o contato que estabelecem com a Comunidade acaba criando um espaço que permite o conhecimento e a percepção de outras formas de valores, atitudes e comportamentos. O passeio no jardim público, o estágio na casa de família, a escola, permite-lhes novos modelos. São modelos diferentes dos que circulam na Instituição, além do que, estes contatos servem de válvula de escape para seus comportamentos, resultando num certo equilíbrio entre o que pode e o que não se pode fazer. Esta convivência com outras realidades parece influir diretamente na realidade subjetiva destes sujeitos, como revelam alguns trechos dos discursos.

Também é possível acreditar que o fator inteligência tenha sido uma das variáveis que influíram na decodificação das informações que lhes foram passadas, tanto quanto sua maneira peculiar de observar a realidade vivida. Estes sujeitos têm uma aprendizagem lenta e como mostrou a literatura, uma atenção relativamente baixa e dispersa.

A presente dissertação leva a crer que a questão da sexualidade fica comprometida, principalmente porque é vivida a mercê do esquema de uma Instituição. As privações e repreensões

acabam reduzindo a possibilidade de terem uma percepção sexual comparável com a de outras adolescentes não institucionalizadas. Além disso, existe o fator cronológico, estes sujeitos ficam normalmente até os catorze anos na Instituição, e são desinteressados num momento em que as questões sexuais e as mudanças físico-psicológicas estão ocorrendo mais acentuadamente. A partir de então, o controle ou as orientações diminuem bastante. Também as pessoas que assumem a função de Educadoras, que são as Monitoras, fazem parte de um quadro que tem como características, um nível sócio-cultural baixo e uma baixa remuneração, em relação à responsabilidade que implica o trabalho. Estas características parecem causar a alta rotatividade destas funcionárias, dificultando o treinamento adequado que deveria ser-lhes dispensado. Assim sendo, estas características terão reflexos na Educação das internas, devido ao despreparo das monitoras para lidarem adequadamente com uma adolescência atípica.

Esta pesquisa revelou também um julgamento diferente daquele que emite os próprios membros da Instituição: que estas meninas são assanhadas, sem pudor e que sabem e já fizeram tudo sobre sexo. Na verdade, demonstraram ser meninas ingênuas, com muito medo de se entregarem às pessoas, com a esperança de formarem a sua família e ter seus filhos e com o desejo forte de encontrarem um parceiro que gostem a ponto de se entregarem. Isto não impede que elas, devido a repressão que sofrem, demonstrem em alguns momentos o extravazar de seus desejos sexuais, muitas vezes de uma forma inadequada.

Face aos resultados deste trabalho, seria recomendável

informações mais precisas dentro de um trabalho de Educação Sexual, desde que os sujeitos chegam à Instituição (com as respectivas distorções de informação ou atitudes precedentes) até o momento em que estejam sendo preparadas para a desinternação. Educação Sexual esta que também deverá envolver as próprias monitoras.

Visando a um processo de humanização da realidade institucional vivida pelos sujeitos, é altamente desejável, maior contribuição das pessoas envolvidas com as internas de tal modo a: - colaborar para que as internas recuperem a confiança nas pessoas; auxiliar para que as internas realizem um pouco de seus sonhos, acreditando assim, no seu potencial de realização. Igualmente, as pessoas envolvidas com as internas devem compreender que as meninas são pessoas que passam pelo mesmo processo de desenvolvimento de outras adolescentes não discriminadas como institucionalizadas, tendo seus questionamentos; seus desejos; que procuram satisfazer suas curiosidades e que necessitam de carinho. Desta forma, é de se acreditar que seja possível quebrar o caminho que tende a levá-las a reproduzir a sua própria história de vida.

BIBLIOGRAFIA

- ARANHA, Aloyso Graça. Síndrome da Tensão Pré-Menstrual Feminina. Atualização. Ago. 1984 v.12 número 8.
- BARROSO, Carmem et alii. Casamento e Maternidade: o que Mudou? Folhetim no. 160, 8 mar. 1981.
- BARROSO, Carmem. A juventude está por fora. In: NASRLLAN, Sandra. A Vida Sexual do Brasileiro. Folhetim, no.165, p.14 de mar, 1980.
- BADINTER, Elisabeth. Um Amor Conquistado. O Mito do Amor Materno. 3a. ed. R.J., Ed. Nova Fronteira, 1985.
- BARDWICH, Judith M. Psicologia de la Mujer. Alianza Editorial, 1971.
- BELOTTI, Elena Gianini. Educar para a submissão. O descondicionalismo da mulher. 3a. ed. Petrópolis. Ed. Vozes, 1981.
- BERENSON, B. Content Analysis in Communication Research. 2a. ed., N.Y., Hatner Publ. Co., 1971.
- BOWLBY, John et alii. Crianças carentes. Contribuição do Instituto de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de S.P. e da Revista de Psicologia Normal e Patológica ao Ano Internacional de Saúde Mental (1960). S.P., Ed. do Instituto de Psicologia da Universidade Católica de S.P., 1960. Separata da Revista de Psicologia Normal e Patológica. Ano VI, número 4.
- CARVALHO, Consuelo Assis & VASSIMON, Maria Alice. In: "Mama", "Mãezinha" ou Simplesmente Mãe? MULHER, S.P., 9mar. 1982.
- CENTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL. Proposta Curricular para Deficientes Mentais Educáveis. Universidade Federal do R.J. - Convênio CENESP - PREMEN. Brasília, MEC - Departamento de Documentação e Divulgação, v.1, 1979.
- CHARBONNEAU, Paul Eugéne. Crianças que Geram Crianças. Folha de São Paulo, 25 jun. 1985.

- CHAUI, Marilena. **Repressão Sexual. Essa nossa (des)conhecida.** S.P., Ed. Brasiliense, 1984.
- CHECK, Jerome. **Emotional of Menstrual Dysfunction**, "Psychosomatics", 1978, v.19.
- COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e Norma Familiar.** 2a.ed, R.J., Ed.Graal, 1983.
- DAHER, Suraia. **Contribuição do Centro de Observação Feminino, Através de Subsídios sobre Atendimento de Menores.** Anais do XII Seminário de Estudos da Secretaria de Tribunal da Justiça. S.P. 1974.
- DEUTSCH, Helen. **La Psicología de la Mujer**, 2a. ed. Buenos Aires, Ed. Losada, 1952, v.1.
- EMEDIATO, Luiz Fernando. **Aqui Nasce uma Nova Educação.** O Est. de S.P., 13 mar., 1983.
- FRANCO, Maria Laura B. **O "Estudo de Caso" no Falso Conflito que se Estabelece entre Análise Quantitativa e Análise Qualitativa.** S.P. EDUC, 1986, ago, no.7, texto mimeo.
- FEATHERSTONE, W.B. **O Aluno de Aprendizagem Lenta.** R.J., Ao Livro Técnico, - 1968. In: CENTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL. Proposta Curricular para deficientes mentais Educáveis. Universidade Federal do Rio de Janeiro - Convênio CENESP PREMEN. Brasília. MEC. Departamento de Documentação e Divulgação. v.1, 1979.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder.** 4a. ed., R.J., Ed.Graal, 1984a, v.7. Biblioteca de Filosofia e história das Ciências.
- **História da Sexualidade I. A Vontade de Saber.** 4a. ed, R.J., Ed.Graal, 1980, Biblioteca de Filosofia e História das Ciências, número 2.
- **História da Sexualidade II. O Uso dos Prazeres.** R.J., Ed.Graal, 1984b, número 15., v.II., Biblioteca de Filosofia e História das Ciências.
- **História da Sexualidade III. O Cuidado de Si.** R.J., Ed.Graal, 1985, v.16. Biblioteca de Filosofia e História

das Ciências.

FRIDAY, Nancy. Minha Mãe, meu Modelo - Uma Filha em Busca de sua Identidade. R. J., Ed. Record, 1977.

GARCIA, Walter e. Propostas Educacionais das Instituições de Menores Carentes do Estado de São Paulo. CADERNOS DE PESQUISA. S.P., Fundação Carlos Chagas, no. 31, 1979.

GOLDBERG, Maria A. & Franco, M. Laura. Análise de Conteúdo: Notas Metodológicas, texto mimeo. 1980.

GOFFMAN, Erving. Manicômios, Prisões e Conventos. S.P. Perspectiva, 1974.

GUIRADO, Marlene. A Criança e a Febem. S.P., Ed. Perspectiva, 1980, Col. Debates.

----- . Instituição e Relações Afetivas. O Vínculo com o Abandono. S.P., Summus Editorial, 1986.

GUBA, E. G. & LINCOLN, Y. S. Effective Evaluation. San Francisco, Ca., Jossey-Bass, 1981. In: LUDKE, Menga & ANDRÉ, Marli E. D. A. Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas. S.P., E.P.U., 1986. Temas Básicos de educação e ensino.

HERZER, Sandra Mara. A Queda para o Alto. S.P. Ed. Vozes, 1982.

HITE, Shere. O Relatório Hite. Um Profundo Estudo sobre a Sexualidade Feminina, 3a. ed., S.P./R. J., 1978.

KEHOE, P. Psychological Factors in the Experience of Premenstrual and Menstrual Symptomatology. Dissertacion Abstrats Intern, 1977, número 38.

KLIPPENDORF, K. Content Analysis. Beverly Hills, Ca., SAGE, 1980. In: LUDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas. S.P., E.P.U., 1986. Temas Básicos da Educação e Ensino.

KNOBEL, Maurício & SCAZIGA, B. Actitudes de Pré-adolescentes a cerca de la Menstruación, La Plata. Separata da Revista de Psicologia, 1965, número 2, 75-9.

KNOBEL, Maurício. **Adolescência e Sexualidade**. Estudos de Psicologia. Revista de Instituto de Psicologia da PUCCAMP. Campinas. v.1., nos.3 e 4. ago. set. 1984.

LANE, Silvia et alii. **Psicologia Social. O Homem em Movimento**. S.P., Ed. Brasiliense, 1984.

LANGER, Margareth. **Maternidade e Sexo**. Estudo Psicanalítico e Psicossomático, Porto Alegre, Artes Médicas, 1981.

LEITE, Ruth Mattos de Cerqueira. **Relação entre Distúrbios de Menstruação e Fatores Emocionais na Adolescência**. Dissertação de Mestrado. PUC, Campinas, 1982.

----- O desenvolvimento sexual do adolescente. FOLHETIM, no. 174, 18 mai. 1980.

LUDKE, Menga e ANDRÉ, Marli. **E.D.A. Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. S.P., E.P.U., 1986. Temas Básicos de Educação e Ensino.

MC CARY, James Leslie. **Mitos e Crendices Sexuais**. S.P., Ed. Manole, 1978.

MORAES, Carmem G. Almeida. **Vida de Casada**. Campinas. Papyrus, 1985.

MOSCOVICI, Serge. **A Representação Social da Psicanálise**. R.J., Ed. Zahar, 1978. Col. Psyche.

NABARRETE, Sonia. **As meninas da Febem. Em Busca de Apoio**. Mulher. Suplemento da Folha de S.P., 1983.

NAFFAH NETO, Alfredo. **Psicodramatizar. Ensaios**. S.P., Agora, 1980.

OSÓRIO, Luiz Carlos. **Evolução Psíquica da Criança e do Adolescente. Aspectos Normais e Patológicos**. 2a. ed., Porto Alegre. Ed. Movimento, 1981. Coleção Ensaios, v.7.

PILETTI, Nelson. **Psicologia Educacional**. 3a. ed. S.P., Ed. Ática, 1986.

PRADO, Danda. **O que é Família**. 3a. ed., S.P., Ed. Brasiliense,

1983.Col.Primeiros Passos,númeo 50.

REICH,Wilhelm & ALZON,Claude. Casamento Indissolúvel ou Relação Sexual Duradoura.3a. ed.,S.P.,Livraria Martins Fontes. 1972.Col.Textos Exemplares,número 4.

RODRIGUES, José Carlos. Tabu do Corpo. 4a.ed.,R.J.,Ed.Dois Pontos,1986.

ROMERA, Maria Lúcia Castilho. Considerações sobre aspectos psicológicos da gravidez, parto e puerpério na adolescência. Dissertação de Mestrado. PUC, Campinas, 1985.

SCAVONE,Lucila. As Múltiplas Faces da Maternidade. Cadernos de Pesquisa.S.P.,Fundação Carlos Chagas. Ago. 1985,número 54.

SELIGMAN,Martin E.P. Desamparo. Sobre Depressão,Desenvolvimento e Morte. S.P., Ed. de Humanismo, Ciência e Tecnologia."Hucitec".Ed.da Universidade de São Paulo,1977.

SHAINESS, A. In: BARDWICH, Judith M. Psicologia de la Mujer, Madrid, Alianza Editorial, 1971.

SILVA,Carmem. A Mulher Precisa Reconquistar a Si Mesmo. Para Ser Mãe. S.P. Revista Cláudia,jun.1979.

SOUZA CAMPOS, Angela Valadares Dutra. O Menor Institucionalizado. Um Desafio para a Sociedade. Atitudes, Aspirações e Problemas para sua Reintegração na Sociedade. Petrópolis, 1984.

SOUZA, Péricles Luiz Sales de. Vivências Sexuais de um Grupo de Jovens da Região Metropolitana do Recife. Dissertação de Mestrado. Unicamp, 1983.

SPITZ,R.A.El Primer Año de Vida del Nino. Génesis de las Primeras Relaciones objetales. 7a.ed, Edicion Espanhola, Tolle, Lege, Aguilar, 1974,Clec.Psicologia e Educacion.

VITIELLO,Nelson. Sexualidade na Adolescência. Ciência e Consciência.set.1984,v12, número 9.

ANEXO I

CARACTERÍSTICAS DO EXCEPCIONAL EDUCÁVEL

Segundo o Centro Nacional de Educação Especial (1979), "Educável se aplica àquele que se pode educar"(p.8). Este termo tem utilidade para estabelecer limites a nível educacional. Apesar disso, este critério se presta a críticas, pois seus resultados são obtidos por testes que são apenas preditores do comportamento e que mesmo assim estão sujeitos a erro.

Considera-se como Educável, aquele que está na faixa de Q.I. entre 50 e 90 e que tenha prejuízos nos aspectos de desenvolvimento social e sensorimotor. Apesar disso, respeitam-se as dimensões das diferenças individuais, o que não permite homogeneizar o grupo. A experiência demonstra que do ponto de vista de escolaridade, o Excepcional Educável poderá alcançar até a 6a. série do 1o. grau, podendo os lentos, desde que devidamente assessorados, concluir o 1o. grau ou até conseguir uma escolarização em termos profissionalizantes (p.11).

Segundo Featherstone (1968), o indivíduo que está na faixa Educável tem um desenvolvimento físico que pouco se diferencia dos "normais". Quanto às suas características de personalidade e adaptação, os resultados de testes mostraram que são mais desconfiados, mais tímidos, mais dependentes e menos hábeis em fazer amigos, nos aspectos ligados à liderança, rivalidade, concentração, iniciativa para as atividades sociais, autoconfiança, capacidade criadora e curiosidade. Quanto à sua atenção, tende a ser baixa e dispersa (p.12)

Quanto à classificação por objetivos educacionais,

adotada pelo Centro Nacional de Educação Especial, estas crianças são caracterizadas como as que têm desenvolvimento subnormal, inabilitados para aproveitar suficientemente o programa de escola elementar, mas consideradas com potencialidades para desenvolver-se em três aspectos:

1. Educabilidade em assuntos escolares em grau mínimo
 2. Educabilidade em ajustamento social, possibilitando vir a ter independência na comunidade.
 3. Um mínimo de adequação ocupacional em tal grau que a possibilite suprir-se parcial ou totalmente na vida adulta.
- (p.13)"

ANEXO II

I. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

1. NOME -
2. DATA DE NASCIMENTO - IDADE -
3. PROCEDÊNCIA
 - a) SP. CAPITAL ()
 - b) SP. INTERIOR ()
 - c) OUTRO ESTADO ()
4. LOCAL DE ORIGEM
 - a) FEBEM ()
 - b) COMUNIDADE ()
5. MOTIVO DE INTERNAÇÃO
6. TEMPO DE INTERNAÇÃO
 - a) OUTRA INSTITUIÇÃO -
 - b) NESTA INSTITUIÇÃO -TOTAL -
7. DADOS FAMILIARES:
 - a) PAI
PARADEIRO
PROFISSÃO
 - b) MÃE
PARADEIRO
PROFISSÃO
 - c) CONHECEU OS PAIS
NÃO CONHECEU OS PAIS ()
CONHECEU SÓ A MÃE ()
CONHECEU SÓ O PAI ()
 - d) OUTROS PARENTES
AVÓS ()
TIOS ()
IRMÃOS () QUANTOS () PARADEIRO -
 - e) RELAÇÃO ENTRE O MENOR E SUA FAMÍLIA
SIM () NÃO () QUEM?
PERIÓDICA () ESPORÁDICA ()
POR CORRESPONDÊNCIA () POR VISITAS ()
8. ESCOLARIDADE
 - a) SÉRIE
 - b) ESTUDA NA INSTITUIÇÃO () FORA DA INSTITUIÇÃO ()
9. ATIVIDADES PROFISSIONALIZANTES FORA DA INSTITUIÇÃO -

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DOS SUJEITOS

Dados de janeiro de 1987

SUJEITO 1

Catorze anos, veio da Capital, encaminhada pela FEBEM, por motivo de abandono. O sujeito foi encontrado por uma senhora numa feira, com mais ou menos cinco anos, sendo acolhida por ela que assumiu sua tutela. Decorrido cinco anos, ela foi encaminhada para a FEBEM, sob a alegação de que além de estar apresentando problemas de comportamento, a senhora não tinha mais condições de ficar com a menor. Estuda na 3a. série do 1o. grau em escola da Comunidade. O sujeito tem um tempo de cinco anos de Instituição. Seus pais são ignorados e não recebe visitas de nenhum familiar. Trabalha sob regime de estágio como empregada doméstica em casa de família. Sua característica marcante são os constantes acessos de mal-humor dentro do grupo.

SUJEITO 2

Treze anos, veio do interior de São Paulo e não tem passagem em outra Instituição. Foi internada juntamente com mais dois irmãos pela grave precariedade sócio-econômica da família. Com poucas condições de moradia, pai alcoólatra e mãe com desequilíbrio mental, foram afastados dos pais por ordem judicial. Tem mais seis irmãos, sendo que os menores estão sob a responsabilidade dos irmãos mais velhos. Recebe visitas esporádicas de membros da família. Tem cinco anos de Instituição. Está na 3a. série do 1o. grau em escola da Comunidade. Trabalha em regime de

estágio como empregada doméstica e babá em casa de família. É uma menina que tem continuamente momentos de explosão dentro do grupo.

SUJEITO 3

Catorze anos(E.V.I.), veio da Capital, através da FEBEM, por motivo de abandono. Foi encaminhada pela FEBEM, juntamente com três irmãos. Foram levados por uma vizinha que afirmava ter presenciado maus tratos dos pais, que eram alcoólatras. A família era bem desestruturada, com mudanças constantes de companheiros. Depois de internado na Instituição, nunca foi visitada pelos pais. Tem um tempo na Instituição de aproximadamente seis anos. Frequenta a 3a. série do 1o. grau em escola da Comunidade. Trabalha em regime de estágio como empregada doméstica em casa de família. Dentro do grupo, sua característica principal é a de líder. É muito querida pelas outras meninas.

SUJEITO 4

Catorze anos, veio da própria Comunidade encaminhada pelo Fórum, juntamente com a irmã mais velha, por motivo de falta de condições sócio-econômicas dos pais. Tem um tempo de dez anos na Instituição. Seus pais moram em Rio Claro, tem mais três irmãos menores que vêm periódicamente visitá-la, juntamente com a mãe. Está na 4a. série do 1o. grau. Trabalha em regime de estágio como empregada doméstica e babá em casa de família. A característica principal deste sujeito é falar e cantar bastante.

SUJEITO 5

Treze anos (E.V.I.), procedente do Estado de Alagoas, encaminhada pela FEBEM. O sujeito veio morar com a tia em São Paulo para ajudá-la a cuidar de seus filhos. Desentendeu-se com o filho da tia e foi mandada embora por isso. Foi encontrada perambulando pela cidade. Tem aproximadamente três anos de Instituição. Seus pais se encontram em Alagoas, mas até agora não foram localizados. Diz ter mais seis irmãos. Nunca recebeu visita dos familiares. Frequenta a 3a. série do 1o. grau, em escola da Comunidade. Trabalha em regime de estágio, como ajudante em escola. Tem como característica a vaidade e a meiguice.

SUJEITO 6

Catorze anos. Veio de São Paulo, encaminhado pela FEBEM. O sujeito foi abandonado pela mãe, logo após o seu nascimento. Sua mãe veio da Bahia e engravidou de um motorista de caminhão que a abandonou. Viviam (sujeito e mãe) na Casa da Mãe, em São Paulo, onde após várias tentativas de emprego, a mãe tomou rumo ignorado, deixando o sujeito na Instituição. Depois disso, foi encaminhada para outra Instituição da FEBEM, onde uma voluntária interessou-se por ela. Com cinco anos, a família substituta pediu sua tutela, porém com algum tempo de convivência o sujeito não se acostumou e quis voltar a ser internada, retornando para a Instituição aos sete anos de idade em caráter provisório, sendo encaminhada, posteriormente, para a Entidade Assitencial. Tem, portanto, aproximadamente doze anos de Instituição. Praticamente não conheceu seus pais. Até hoje mantém contato com a família

substituta que não mostrou mais interesse em desinterná-la. Desempenha a função de empregada doméstica, sob regime de estágio, em casa de família. Está cursando a 4a. série do 1o. grau em escola de Comunidade. Exerce forte liderança no grupo e é das mais espertas e alegres.

SUJEITO 7

Catorze anos (E.V.I.). Veio da Capital, encaminhado pela FEBEM. Foi acolhido por motivo de abandono, sendo apreendido perambulando pelas ruas, com sete anos de idade. O sujeito não soube informar nada sobre seu paradeiro e o de sua família, só diz ter mais quatro irmãos. Tem aproximadamente sete anos de Instituição. Nunca recebeu visita de seus familiares. Está na 3a. série do 1o. grau em escola da Comunidade. Trabalha em regime de estágio como ajudante em escolinha. Tem como característica ser muito brincalhona com o grupo das meninas, mas muito quieta com as demais pessoas.

Tentando-se traçar um perfil da população em estudo, pode-se verificar que a população encontra-se na faixa-etária de treze a catorze anos. A maioria dos sujeitos (cinco) encontra-se na condição de abandonados, sendo que apenas duas são consideradas assistidas. Todas estudam fora da Instituição e estão na faixa de 3a. ou 4a. série. Todas "trabalham", sendo que a maioria delas (cinco) na função de empregada doméstica e duas na função de ajudante de escola. A maior parte dos sujeitos tem como local

de origem a FEBEM (cinco), sendo que duas vieram encaminhadas pela Comunidade. Todas têm na sua história, problemas relacionados a fatores sócio-econômicos, desestruturação familiar, ou ainda algumas, o abandono total, sem mesmo ter conhecido os pais.

Sendo assim, trata-se de uma população de adolescentes abandonadas, na sua maioria estudam e trabalham fora da Instituição e estão começando a vivenciar o período da adolescência.

ANEXO III

ROQUEIRO DA ENIBEVISIA SEMI-ESTRUTURADA

1o. TIPO (PARA AS QUE JÁ VIVENCIARAM)

MENSTRUÇÃO

1. SIGNIFICADO DA MENSTRUÇÃO - pretende investigar o que representa para o sujeito ser uma mulher que menstrua, as vantagens e desvantagens e como obteve conhecimento à respeito. Como se sente quando está menstruada.

2. SIGNIFICADO DA MENARCA - pretende coletar dados sobre reações, atitudes e sentimentos frente a primeira menstruação.

3. SINTOMAS PRÉ-MENSTRUAIS - serão investigados os sintomas físicos e psicológicos anteriores à menstruação.

4. ATITUDES DIANTE DA VISUALIZAÇÃO DA MENSTRUÇÃO - pretende coletar dados sobre os sentimentos e percepções diante da visualização do sangue menstrual, na calcinha, no absorvente, no próprio corpo, nas outras pessoas.

2o. TIPO (PARA AS MULHERES QUE NÃO VIVENCIARAM)

1. SIGNIFICADO DA MENSTRUÇÃO - pretende investigar o que representa para o sujeito a mulher que menstrua, as vantagens e desvantagens e como obteve conhecimento a respeito.

2. EXPECTATIVAS SOBRE A MENARCA - coletar dados sobre a motivação que o sujeito tem para a vinda da menstruação e como vivencia isto na prática.

3. ATITUDES DIANTE DA VISUALIZAÇÃO DA MENSTRUÇÃO - reações e atitudes diante da visualização do sangue menstrual, nas outras pessoas. (calcinhas, absorventes...)

INTERCURSO SEXUAL

1. OBJETIVO DO INTERCURSO SEXUAL - pretende coletar dados sobre o seu significado da relação sexual está voltado para o prazer, a procriação, ou ambos.

2. SENSACIONES FÍSICAS/ PSICOLÓGIAS - pretende investigar se o intercurso é considerado um ato de prazer ou de dor; se o sujeito já teve experiências à respeito.

3. PAPEL DO HOMEM, PAPEL DA MULHER - pretende coletar qual o papel que o sujeito atribui ao homem e a mulher durante o desempenho do ato sexual.

4. CONDIÇÃO PARA O INTERCURSO - pretende investigar se o sujeito determina alguma condição que sirva de impedimento ou liberação para que a mulher mantenha relações sexuais, como: casada ou solteira, menstruada ou não, grávida ou não, etc.

5. SIGNIFICADO DAS RELAÇÕES ÍNTIMAS ENTRE AS MULHERES - pretende coletar dados sobre os sentimentos a respeito, e experiências quanto à questão.

6. EXPECTATIVAS SOBRE O INTERCURSO SEXUAL - pretende coletar dados sobre as expectativas que têm da sua própria experiência sexual, como imagina que deverá ser, se gostaria ou não de realizá-la e em que condições a realizaria.

MATERNIDADE

1. FUNÇÃO DA MÃE - pretende coletar dados sobre quais os papéis que deve desempenhar a mãe, assim como o pai.

2. MOTIVAÇÃO PARA A MATERNIDADE - pretende investigar sobre o próprio desejo em ser mãe.

3. SIGNIFICADO DA ADOÇÃO - pretende coletar dados sobre como percebe a adoção, assim como o valor do filho adotivo em relação ao filho consanguíneo.

4. SIGNIFICADO DA MULHER QUE NÃO QUER TER FILHOS - investigar se percebe a maternidade como um um instinto ou como uma opção.

5. SIGNIFICADO DA MÃE SOLTEIRA- investigar como percebe a mãe que tem filho mas não se casou.

6. SENTIMENTO COM RELAÇÃO À PRÓPRIA MÃE - investigar como percebe sua própria mãe.